
Não há Condições
Victor Mota

Não há Condições
Victor Mota

Não há Condições
Victor Mota

Não há Condições

Não há Condições
Victor Mota

Não há Condições

Victor Mota

Victor Mota

Não há Condições

Não há Condições
Victor Mota

Título: *Não há Condições*
Autor: Victor Mota
Conceção: Tender Edições
Rua do Reno 5.02.01C 4°C
1990-512 EXPO-LISBOA
Lisboa, 2014
Copyright: Mota, Sandrina
Comunidade Europeia

Não há Condições
Victor Mota

Não há Condições
Victor Mota
Prefácio do Editor e Autor

Os tempos estão difíceis. A filosofia não tem preço. Ou tem um preço que não pode ter. Fácil é fazer dinheiro fácil. Depois, a sociedade seleciona aqueles a quem atribui benesses, subvenções, atributos honoríficos, títulos, não sei que mais coisas e ideias. Fácil é fazer exclusivamente prosa, para os outros comporem, imprimirem. Há uma pessoa que faz tudo isto. Apenas dá trabalho à impressora. De resto faz tudo só. E não é reconhecido. Nem premiado. Vive numa situação difícilíssima. Por motivos de saúde, tem uma pensão de 200 euros mensais. De resto, tem a ajuda da irmã. Tem de procurar emprego. Alguns amigos são traiçoeiros e só fazem críticas. Parece que todos fazem as coisas pela satisfação imediata de si mesmos, como quem se alimenta faustosamente.

Outros apostam na ideia de dar, dar ideias aos outros, mesmo que esse seja o seu último lance. Um grito do abismo. Um grito de genialidade. Quando alguns pressentem perigo, fogem. Outros, não fogem porque não estão em perigo. Ora, conviver com o perigo todos os dias é bem diferente. É para poucos, raros, que aparecem uma vez em milénios, um num milhão. Quando aparecem.

Não há Condições
Victor Mota

1.

Gozando do orçamento previsto, empreendi a tarefa de alcançar outros estados e disposições de espírito e como bom profissional da escrita estava demasiado ocupado em ganhar tempo que não podia hipotecar tudo o resto, enfim, a vida. É claro que tinha preocupação sob diversas coisas, aliás, vivia preocupado, sobretudo inventando problemas, aumentando aqueles que já tinha. O facto de estar sozinho e de não querer esse estado gerava em mim um grande sentimento de culpa, fizesse o que fizesse, pruridos que decerto vinham de fora, porque vamos lá ver em termos de sensibilidade, estas questões da percepção não são apenas biológicas, genéticas, muito menos psíquicas. Começam por ser grupais, depois vão-se avolumando no quotidiano. Todos me pareciam demasiado ocupados para dar ouvidos a uma pessoa que ainda sonhava, mas apressavam-se, como parece infelizmente ser natural em tempos de crise, em falar abruptamente da vida alheia, porque isso os inchava de orgulho. Era o caso da minha vizinha da frente. Neurótica e assexuada, nem sequer me interessava o que dizia de mim, porque sabia que dali não vinha coisa boa.

Não há Condições

Victor Mota

Tinha finalmente ido a Paris e se coisas más tinham acontecido, coisas boas também aconteceram, começando pelo facto de ter estado lá e querer voltar noutras circunstâncias. De um lócus de alguma insanidade em que vivia, ainda sem emprego e sem mulher (justificações para um macho que não é alfa), meu espírito deambulava em espaços circunscritos que, por vezes me confundiam e me faziam perder a minha alma. Herdara essa característica de personalidade da minha mãe, o medo de perder o controlo, por tanto o desejar, de, no meu caso, deitar muito a perder nas relações devido a isso. Há muito tempo que não construía nenhuma história consistente em que o meu Ego imenso, entre o oito e o oitenta, saísse da tela para deixar os personagens viver suas vidas. De resto, não era essa a minha especialidade, teria dito a um leitor atento. Tinha a sorte de ter condições para escrever, apesar de tudo, pois é tradicionalmente aceite que todo o escritor consegue melhor espremer o seu talento em alturas de conturbação mental. Peguei de novo no meu passado no sentido em que ele me ligava a algo de importante, a religião, o estudo. Nem vou dizer de tudo aquilo que gostava de fazer. Para uma pessoa que gostaria de ter viajado mais em novo, estava algo desalentado, pelo que os meus intentos e energia dirigiam-se para outros objectivos, por um lado mais sociais, por outro lado mais

Não há Condições

Victor Mota

introspectivos. Procurava na rede a mulher ideal, desculpando-me com autores mais conhecidos, de quem nunca aprofundara a obra, como Jean Baudrillard. Quanto ao que escrevia, não estava de todo no cenário da literatura, continuava sob o ponto de vista psicológico excessivamente preocupado comigo mesmo, senão para acabar comigo mesmo, com as coisas que de bom tinha, como o sentimento moral em relação aos outros. Sentimento que a religião me transmitira e que, para além dos grunhidos cibernéticos, talvez tivesse persistido um porto de abrigo para a minha alma cansada e atormentada. Falar de OCD seria apenas uma desculpa? O certo é que tinha objetivos específicos e a longo prazo, sabia bem o que queria, mas como que algo me impedia de os realizar, e não seriam de todo utópicos, pois sabia que a minha jogada teria de ser alta e, mais uma vez, sacrificar a minha irmã e nome de algo que acho que ela deveria beneficiar... Na aldeia de meu pai, tudo parecia continuar na mesma, eu próprio tremia de medo como poucos ao regressar àquele lugar em que a minha irmã persistia em ter as crianças para se criarem. Era como se todos estivessem já mortos, incluindo eu, o velho ser ingénuo e bem-disposto, que não devia dar muita importância a pormenores sem a mínima importância. Enfim, tinha pouco dinheiro para continuar qualquer coisa e, não posso dizer que tenha sido

Não há Condições

Victor Mota

evidentemente apenas culpa minha o facto de estar nas lonas, com muita coisa por realizar. Procurava, nas noites vazias, ser eu próprio, quando não era mais eu quem estava ali, diante de ma luz, refletindo e metendo contas à vida, apenas mais um cidadão português em crise. Depois, tinha medo de fazer mal ao Rafael, talvez porque nunca antes a sua presença no meu espírito e coração fossem tão fortes como antes. Não poderia substituir o pai. Mas estava sob o risco de passar por um zé ninguém pervertido e pobre. Os meus defeitos de carácter fugiam de mim a sete pés. Estaria acometido de mais uma crise psicológica? Tanta coisa que queria fazer...pensava em tanto, tanto e tão longe como o aqui perto, já a agora, que deitara bastante a perder. Mas talvez continuasse o mesmo...bem lá no fundo queria acreditar que a segurança e instabilidade de carácter seriam o meu mais forte trunfo...

Quanto ao passado. Nele estavam meus amigos de faculdade, dos locais, seculares ou religiosos que frequentara, por onde parara a minha consciência, enfim, havia feito compromissos com instituições mas nunca ao ponto de me comprometer absolutamente, porque sabia que esta na natureza do homem lutar pela sobrevivência e mesmo que esteja em risco, prefere trair um amigo a fazer outra qualquer coisa que ponha em causa os seus direitos adquiridos ou natais. Por mim

Não há Condições

Victor Mota

mesmo, não posso assegurar que seria gay, se isto interessa ao leitor. Posso dizer que o facto de perder acesso às mulheres me enfraquecia bastante. Talvez se impusesse uma tarefa reconstrutiva moral qualquer. Mas eu não estava para isso. Eu, Eu, Eu...a história interminável. Pior que uma obra de Sartre. Começava entrar na vida adulta, aquela altura da existência em que descansamos por algo feito. Talvez tivesse brincado com coisas sérias. Mas a primeira das vítimas fora eu e a minha família. Ninguém nos dava o valor. Porque haveríamos de dar valor aos outros? Quanto ao pequeno, sofreria, mas o primeiro passo seria afastar-me um pouco dele. Sei bem o que a minha mãe, a minha irmã e o meu cunhado estariam a pensar. Mesmo que gostasse do miúdo como um filho e, enquanto pai, me arrependeria e antes infligir-me dor que que passar aos actos de tortura a que tinha sido sujeito décadas antes. Assim, procurava, aos tombos, um acerto na forma de viver, o tempo esgotava-se, e era Eu, Eu, ainda Eu, numa voracidade excessiva por tudo e por todos. Dava uns meses valentes desta vida por semanas de tranquilidade que gozara em outros tempos, ainda que adolescente. Era diferente. Muitos não suportavam isso porque afinal talvez fossem mais doentes do que eu e tivessem mais cargo na situação em que se vivia, de sentimentos e economias, naquele tempo no país. Não sei se

Não há Condições

Victor Mota

vou longe. Vou passo a passo, saboreando cada momento o melhor que sei por experiência. Ainda estou para compreender porque muitos, e não são poucos, passam a vida a falar de coisas importantes sem dúvida como a política e a economia e se esquecem de outras coisas bem mais importantes do que eles próprios e o mundo. Essas são as escalas que interessa considerar, neste mundo globalizado. Sei que agora posso firmar com uma precisa rigidez cada passo, pois estudei bastante esta situação em que encontro envolvido. Sei que há, à minha volta muita inveja e força para que eu não vença. No entanto, aqui estou, ainda vivo e consciente. Daí tudo pode acontecer. Basta deixar acontecer. O pior já passou. Agora estou aqui para desfrutar, colher os frutos e desfrutar, isto é, comer os frutos daquilo que semeei. Sei que estou são, apesar do atrito considerável para com a cidade, as pessoas da cidade, que afinal não é a cidade que conheci em pequeno, o pátio enorme e vazio numa tarde de chuva sem sol. O pátio onde o meu primo guardava as bicicletas, no vão de uma escada que conduzia a um terraço onde morava a família da Silvana e sua irmã mais nova.

Não há Condições
Victor Mota

Não há Condições
Victor Mota

2.

No dia em que procurava dentro de mim e à minha volta simpatia, havia olhares escarneceadores de quem me queria foder o juízo. Esses olhares desviaram-se para o esgoto e aí perderam seu traço. Pelas minhas análises e observação extensiva, posso concluir que há por aí muita gente ressentida e de cujo ressentimento se alimenta para vitórias que não o são no verdadeiro sentido das palavras. Eu entretido em ser simpático quando as pessoas são mais pérfidas e obscenas do que eu, do que as crianças que educam, ou não. Mas eu habito na qualidade superior do pensar. Dizia Bernard Lévi, um judeu que conheci nestes dias de Arroios: “Pelo que me diz respeito, tenho uma visão mais certa do que deturpada dos outros. Por vezes parece-me que quanto mais brancos são mais porcos são, sendo que a escuridão mete medo. Outras vezes fico sem dinheiro, sem comer, com a razão de que todos são iguais A minha vizinha não acredita nisso. É apenas uma professora de francês que nunca esteve em França e que ainda assim procura fazer doutoramento em línguas ou ciências da educação. Cá por mim podia ser em sexologia, se percebesse algo do assunto. Ou de Sociologia, Direito ou Antropologia, se tivesse estof

Não há Condições

Victor Mota

para tal. Muitos há, como ela, que têm valores mas não têm ideias, o verdadeiro alimento. Mesmo assim, ela passa fome”. Diria outro notável pensador: “Sabes, quando idealizo muito, penso que as pessoas são todas bondosas, como Eu. Mas com a experiência e entrada na vida adulta, à minha custa, aprendi a ver os podres das pessoas e aprender com isso.” Outro dir-lhes-ia: “Cá por mim, não cheguei aqui por acaso. Não me salvo com provérbios populares nem palavras sagradas. A minha experiência é o que me salva e dá autoridade. Para falar dos outros, mais do que eu próprios, pois investi bastante naquilo que para mim era importante, sabendo que para os outros também era importante e vim a concluir que para os outros não era tão importante quanto para mim”. Entretanto, Jónatas cumpria a sua experiência de tornar possível a entrada nos ano novo pleno da ficção que sua vizinha tinha na cabeça, mas não estava com muita fome.

Não vou explicar o que nos aconteceu. Quando falamos mansamente, são malcriados, quando somos agressivos, encolhem-se. São Indiferentes. Mais não digo. Ou talvez daqui a pouco, depois de dormir, pois por aqui, no lugar onde já estive, dorme-se bastante. Humilham as pessoas e querem que não se enervem? Isso é trabalho de gente doida, que nunca passou mal. Alguns conformam-se com o que têm e o que não

Não há Condições

Victor Mota

têm, como é o meu caso. Outros, tendo muito, mais querem, outros, tendo pouco mais querem. Bastou-me falar da natureza humana a um filósofo para todos começarem a falar na natureza humana? Se eu a compreendo? Sim, claro que sim, não fosse eu antropólogo. Os cornos da vaca têm quartzo, essencial à vida. Sem isso, nada existe. Pretendem alguns oligarcas que se mude a face do país, sem ele se mudar no interior. Eu não sou político, bem podia ter sido, porque aliás, sei muito melhor do que a maioria das pessoas o que é viver na polis. As coisas mudam quando mudamos nós e isso não quer dizer necessariamente movimento.

Neste país, muitos esperam e pouca gente desespera. Os mais novos não sabem o que lhes reserva o futuro, porque de experiência própria pouco têm, pelo que erram e erram sem que se lhes dê a mão. Quando vêm o país ser dizimado por múltiplos idiomas, saberes e tiranias, indignam-se e não basta a indignação de um só homem, é preciso a indignação de todos para que o país possa avançar.

Pouco a pouco, a pouco e pouco, percebia que não girava o mundo à minha volta, que estar ligado aos outros implicava saber esperar e não obedecer aos impulsos do momento. O que para outros era claro, para mim implicava um longo trabalho de reflexão, sendo que eu chegava mais longe sozinho do que

Não há Condições

Victor Mota

aparentemente falando com as pessoas. Personagens, situações, enredos, observações científicas e filosóficas, povoavam o meu quotidiano naquela freguesia da capital do país, onde figuras tinham posições e nomes diferentes. Preocupava-me ainda com os mais novos, com aquilo por que poderiam passar e se algum jovem como o meu sobrinho poderia passar por coisas mais ou menos graves por que eu ou outros teriam passado.

Mais tarde ou mais cedo, haveria de morrer, meu corpo seria decerto enterrado no Alto de São João, nada de célebre iria acontecer comigo em vida, porque afinal de contas, meio mundo andava à minha procura e a linha ténue que separava a ficção da realidade desenrolava-se diante dos meus olhos e enfim ninguém me pagava como a outros para escrever, nem tampouco estava já preocupado com o processo de criação, quando os mais jovens se queriam injustamente aproveitar das minhas ideias, enfim, apenas algumas observações escrevia, como Wittgenstein no seu *Caderno Castanho* e nas suas *Investigações Filosóficas*. Andava entretido a tecer com palavras uma narrativa que teria a ver com o princípio do mundo e de mim mesmo, tudo me dizia sempre alguma coisa, aproximava-me por isso perigosamente de Sartre e Blanchot, cuja obra completa me preparava para editar em português.

Não há Condições

Victor Mota

Tinha outros projetos, como a pós-graduação e licenciatura em filosofia, para além do centro de explicações. Esta disciplina, que para mim significava muito, mesmo o desprezo dos meus conterrâneos, trazia-me consolo e compreensão do que se passava à minha volta sem emitira juízos de valor, a que estava habituado por influência de certas pessoas. As mulheres de Lisboa nada me diziam, eram interesseiras como a maior parte das mulheres de hoje, que gostam de exibicionismo e manigâncias de loucura. Não me haviam enlouquecido, porque afinal de contas eu tinha a minha dignidade e memória intactas, tinha tido as minhas experiências e isso me valia para tirar a conclusão de que as mulheres de hoje não são certas. A fala intermediária percorria o meu corpo e continha o meu desejo como em muitas outras ocasiões, sei que o meu amor não estava em Lisboa, mas algures errante por Paris, tinha imensa vontade de lá regressas, mas entretanto chovia a potes e nada podia fazer senão fumar um cigarro. Havia abandonado o doutoramento e o mestrado em Filosofia, coisas para as quais já não fazia sentido investir, deixando lugar aos mais novos e dedicando-me a tarefas pessoais de escrita, ensino e edição. As fixações e obsessões desapareciam à medida que eu as vencia, mesmo sem medicamentos, pois apenas queria dinheiro para escrever e me alimentar convenientemente. Nenhuma grande

Não há Condições

Victor Mota

editora estava interessada no que eu havia escrito ou muito menos escrevia neste momento, por mais genial que fosse. Estava num país de terceiro mundo quanto às letras e o facto de ser marginal e marginalizado só que trazia a vantagem de cá, a vantagem de quem está deste lado da barricada e que muito investiu e que deixa agora a sua vez a outros à espera que façam melhor.

Eu, que passara por gay e bissexual, era agora um heterossexual à procura de uma mulher numa cidade que não a tinha. Imaginava, assim, o meu amor percorrendo o mundo e encontrar-me no leito de morte, já morto, e plenas de angústia suicidando-se sob o meu corpo cheia de arrependimento e amargura, pois afinal a minha conduta havia sido correcta no sentido em que eu não me havia mexido todos estes anos enquanto ela havia feito trinta por uma linha por todo o lado quem sabe à minha procura e não me havia encontrado porque pensando que eu tinha problemas de comunicação, ela é que tinha. Estava rodeado por uma tantanice sem jeito nenhum, começando pela minha vizinha, que não tinha emenda, que para evitar ficar louca converteu-se em ninfomaníaca e resolveu convidar meia dúzia de fufas para o seu *petit appartement* perto do ISCSP e do ICS.

Não há Condições
Victor Mota

Não há Condições
Victor Mota

Pouco a pouco, percebia que não me devia ter desviado do caminho da escrita e da reflexão, pois outros que fossem adiante procurar forma de viver suas vidas, que eu sabia como viver a minha e aparecia-me que eram bastante mais narcisistas do que eu. Combatiam-me de todo o lado forças invisíveis e estranhas manifestações psíquicas, inclusive de médicos psiquiatras que esperneava em suas observações mais ou menos científicas. Numa palavra, eu que procurava dar sentido ao mundo que se desenrolava diante dos meus olhos, tinha razão, a mesma razão do meu pai, da minha mãe e do meu irmão. E sobretudo da minha querida irmã. Eu estaria do lado das forças psíquicas mais poderosas, contudo, nada parecia lucrar em vida com isso, aliás, continuava sozinho, eu que abertamente havia desejado, tendo condições, uma mulher em casa. Parecia-me que o país se estava enterrando cada vez mais e a classe política corrupta e dissoluta, era a que mais culpa tinha, para além de meia dúzia de mandões iletrados que corrompiam o sistema. Os escritores debruçavam-se sobre figuras históricas ou faziam romances cor-de-rosa mais ou menos cinéfilos que se vendiam como desodorizantes e preservativos em supermercados. Logo eu, que tinha afinal uma vida que era invejada por muitos, pois tinha uma irmã de

Não há Condições

Victor Mota

oiro que me compreendia e que percebia que eu só queria escrever, compreender. Não me cabia a mim perceber tudo o que de banalidade vil na televisão, violência a saque e falta de direito, no que muitos cineastas portugueses tinham culpa. A americanização do país estava quase completa, a estupidificação, melhor dizendo. Não havia muito por onde pegar. Estaríamos, mais do que os gregos e os irlandeses, condenados a estar dependentes dos outros, dos espanhóis, dos alemães, dos franceses e dos ingleses. É claro que se estavam a aproveitar de nós. Mas o governo não entendia. Ninguém se indignava verdadeiramente, Tudo se importava mais ou menos com a escala família-estado quanto às condições de vida. Os cientistas sociais eram comprometidos com o governo, pouco ou nada faziam. Há séculos que nenhum deles aparecia na televisão. Teriam desertado? Ou escondiam-se, como sempre, por detrás das suas identidades e carapaças intelectuais em capelinhas e quejandas, guetos que à luz da vista iluminada nada fazia ressaltar. Mais ou menos filósofos, reformados ou não, viviam na saudade de um país adiado, falando mais ou menos em sentidos mais ou menos imprevistos, em questões mais ou menos prementes, fazendo entrever que afinal de contas tudo se resume à intimidade e sua relação com o espaço público. Seria, assim, nessa linha de pensamento que

Não há Condições

Victor Mota

interessava avançar. Os escritores desunhavam-se e comprimiam-se uns aos outros para conquistar o seu quinhão de bom senso e intelectualidade, de território do saber, se é que eles sabiam o que é isso, e usavam a velha tática de sempre: garantir meios económicos para se dedicarem à escrita. Não sabiam que eu tinha feito o contrário, que a escrita havia sido a minha maior paixão e nem sequer mereciam decerto saber. Em todo o caso, havia muitos problemas sociais para resolver, as pessoas estavam desanimadas e na verdade, o governo não governava, governavam comentadores mais ou menos de domingo, como condutores de Domingo que se passeiam buscando quem possam sentar no lugar do morto. Sim, estava bastante desiludido com as mulheres daqui. Não sabiam o que queriam, pareciam enguias, não se deixavam agarrar, quando tinham oportunidade de ter uma pessoa honesta, preferiam a desonestidade. Percebia, por isso, as ucranianas, que apenas queríamos estar em casa, sendo fiéis ao mesmo homem. Através da Internet, multiplicavam-se as traições, salamalequices e porcarias de toda a ordem e infelizmente o mundo era composto destas coisas, coisas estranhas à natureza humana. Era o que faltava, disse ela, sabendo que tinha a ratinha quente e os pelinhos em brasa, pois não era caso de depilação ou de outra coisa, mas caso de

Não há Condições

Victor Mota

segredo de estado pois naquela casa de putas também havia fufas e elas bem se entendiam depois de saírem os clientes, aliás, o vice-primeiro ministro Portas haviam construído um jornal por cima do cinema CineBolso onde Octávio Reles procurava consolo nos seus dias de estudante, sabendo que não havia nenhuma mulher com projeto de vida coerente. Qualquer puta na América era aqui no reino de Portugal uma santa de todo o tamanho que tinha direito a vender livros e ser ensinada no ensino liceal e secundário, aconselhado por professoras que muito sabiam de sexologia, pois eram colegas da nossa vizinha. Seja como for, os bancos não trabalham ao fim de semana, as caixas multibanco, se queremos depositar dinheiro a um sábado, por exemplo, não trabalham nem permitem transferências ou depósitos, há qualquer coisa de morto-vivo neste país, nesta ideia de um Portugal esquecido, abandonado, do qual ninguém quer saber, que é como um vagabundo ou sem-abrigo que leva porrada de toda a gente, como se fosse um Cristo de quem ninguém quer saber. Muita culpa nisto tem a Igreja, pois está instalada no poder, e uma certa esquerda que só se preocupa com o poder e não faz verdadeira política, para além disso, a outra esquerda que nunca vai ser poder e ataca por atacar. É difícil, neste estado de coisas, pensar o um país, pois que aqueles que dizem que pensam apenas ditam o que o

Não há Condições

Victor Mota

estômago lhes diz transviado à mente e nunca passaram por dificuldades, Essa é a classe política dirigente do país, a classe pseudo-intelectual, que vê os media não como prestadores de serviço público mas como obrigados a prestar serviço às grandes empresas. Ninguém tem coragem para demitir o governo e nunca ele se demitirá se se calarem ou não. Droga! Ninguém faz nada quanto aos compadrios, Vasco Pulido Valente deixou de ir à televisão, apenas temos uma grande voz de contrapoder, que é Miguel Sousa Tavares.

Na tarde em que tudo começou, eu estava preso por grilhões mentais, depois a vizinha queixou-se dos puns que se davam no apartamento ao lado arguindo a lei 69 do código penal, argumentando roubo de propriedade intelectual no que diz respeito aos puns, não que o dito código mencionasse tal tipo de ventosidades intestinais, entretanto um polícia deu um peixinho no seu quarto de dormir e logo uma mulher polícia chegou, dando outro, pelo que tiveram de argumentar, juntamente com a vizinha, que os ditos puns que aquela senhora havia dado tinham sido sua propriedade intelectual, pelo que decidiram convocar advogados e juízes ao concílio para decidira de quem era a propriedade intelectual de particular peido a um particular hora. Era triste, não havia tempo para comédias, poderíamos esperar ri no fim?

Então, nesse dia de Inverno, quando fazia pouco sol, meu pai estava a morrer, minha mãe estava triste, eu percebi que também contava e que tinha as minhas falhas, que a liberdade tem um preço. Tal vizinha não tinha por onde pegar, pelo que nem pela propriedade intelectual podia pegado, pois o próprio Rodrigo Leão havia plagiado o título *Terra Seca* do meu

Não há Condições

Victor Mota

projecto pessoal de escrita, não havia nada a fazer, lá está ela a controlar a água é como os ciganos, curioso é que só depois de me conhecer -e mal- decidiu tomar banho, enfim, contingências de quem só vê o mal que faz nos outros. Narcisistas, por assim dizer. Pensava, durante estes acontecimentos, nos meus sobrinhos e nas pessoas que conduzem a sua vida pela opinião que os outros têm de si -e ela gritava na sal, vamos a França, vamos aos ISCSP ou ao ICS, e vamos já, porque eu sou uma mulher de tomates - tomara-los ter para espalhar fertilidade por estas terras da Lezíria que, para além de serem as mais frutuosas do país, são as mais fracas de toda a Europa. Mas, enfim, vivemos num país onde não contam os direitos intelectuais, só agora procuramos, a reboque de outros países, dar direitos de autor a quem os não tem, ou tem, por razão de sua própria inteligência e racionalidade aguda.

Mais tarde, quando regresssei a mim mesmo, à interior exterioridade de mim, percebi que a vizinha apenas ou tão-somente queria comunicação com alguma entidade sobrenatural que eu poderia representar, mas que não sabia como o fazer. Continuei, assim, as minhas observações, de modo a chegar a alguma conclusão quanto ao modo e aspecto das coincidências que nos acontecem no quotidiano, pois

Não há Condições

Victor Mota

esperava vir a vender este livro a um preço que me permitisse continuar. Odiava já, naquela altura, vários personagens dos meus romances, pelo que decidi construir uma nova trama e esquecer definitivamente a vizinha. Como me disseram, não se pode dar importância às pessoas, quanto mais importância lhes dão, mais nos pisam os calos devido à inveja que têm de nós, do que somos e representamos. O pai nada dizia, eu não estava zangado com ele, apenas estava chateado, mas ele parecia chateado com toda a gente, ouvi isto pela boca da minha mãe e de minha irmã. Dir-se-ia que não aproveitava o lugar onde estava, mas eu sabia que mais tarde ou mais cedo voltaria a ser feliz. Tinha vinte euros para os próximos dois dias, enfim. Dava voltas e mais voltas à cabeça e não percebia o que os outros diziam, como se estivesse enclausurado num casulo de seda. No dia seguinte, Bertha resolveu ficar em casa, amargurada com um recente encontro com um polícia seu amigo, enquanto Tiago Fostes, no dia da morte de Eusébio, o melhor jogador português de todos os tempos, uma gueisha procurava um local para dormir. Não havia condições naqueles dias, quer dizer, as condições para se viver eram poucas ou nenhuma ou, melhor dito, o futuro não era condicional, era imediato, era já, para além do pedido, do perdido, para além das possibilidades mais parcas de realização humana. Ai que

Não há Condições

Victor Mota

estranha forma de vida, devida a prognósticos de uma nação adiada, desde o Bairro Alto à Praça da Figueira. Entretanto, enquanto o desejo apertada por entre as ruelas de Lisboa, Estes percebia que amanhã era mais um dia, que um dia se segue ao outro como uma mão lava a outra. Não havia nesse tempo nenhuma narrativa muito para além da morte, muito para além do que era desejado e sonhado, sombras percorriam as lentes por onde o desejo se inscrevia, nas instâncias mais ou menos mencionáveis da geometria transcendental dos tempos actuais.

Esperei, então, sentado, com a cabeça entre as mãos, pensando na auréola de pensamentos que me ocupava os dias, pensando neste dia que se seguia à minha escrita, pensando no que muito para além de mim poderia existir, a negro e branco, a cores, a todas as cores. Nas inigualáveis instâncias de um processo mais ou menos ridículo a partir do qual tentamos corroborar hipóteses tão diversas como o florescimento dos cogumelos no deserto, podemos dizer que qualquer forma de poesia é hoje mais cara que qualquer forma de futebol, sendo que uma e outra têm diferentes formas de expressão. O país estava velho e acabado, como seus governantes, da esquerda à direita tratava-se de um país cinzento, pobre e alfabeto, que realizava a sua tarefa universal de sua filosofia transcendente

Não há Condições

Victor Mota

no sentido de lavar o seu corpo em pleno atlântico, à borda dos Açores e da Madeira, quando Edgar Fostes estava na cidade da Praia, passando alguns dias entre sua casa e sua amada Guinilha, que desposara com ele num casamento mais ou menos oficial. Portugal era uma noite de nevoeiro, um dia de Inverno passado em casa que nunca mais acabava, estava abstinido em seu desejo, com vontade de se mostrar in sinuosamente ao mundo, regressando a si mesmo quando não resolvia a sua tarefa de igualar outras nações numa tarefa evangelizadora, entretanto Estes continuava aflito por encontrar uma namorada que lhe fizesse, mais do que os dias, as noites felizes, por instâncias mais ou menos censuráveis da moralidade tratada a psicotrópicos e aleatoriamente antidepressivos. Quando, passado algum tempo, Estes procurou saber onde estava sua namorada dos 13 anos, esta já estava com um vizinho, entretida a beber vinho do seu cunhado, passando as noites com outro homem, um ex-recluso que se convertera às Testemunhas de Jeová, pelo que mais tarde, nesta cantilena triste e melancólica, decidimos dar a Estes a sua parcela de realidade e apresentá-lo ao bispo de Rio Maior para que fosse por ele batizado, pelo que depois de morrer seus despojos iriam ser atirados ao Tejo, o mesmo Tejo de sempre que desagua ali mesmo em baixo, onde deveria ter

Não há Condições

Victor Mota

ido de manhã, ou mesmo depois do almoço, substituindo isso mesmo pela sesta, tirando um pouco de costela às costas de espanhol que tenho comigo. As colinas de Lisboa eram mulheres de seios proeminentes, que se baloiçavam no amplexo, quando o ritmo da cidade andava andrajoso, pelo de uma esperança melancólica de uma criança negra. Entre a arte e o obsceno oscilavam estes dias, perfilados a nossos olhos por detrás de um autocarro amarelo da carris, numa síntese pós-orgástica que reentra no espírito circular e espasmódico dos dias. Quando eram 10 horas da manhã de um dia de inverno chuvoso, a parábola de Estnes conheceu novo desenvolvimento, pois este escrevera uma mensagem que pusera dentro de um envelope, que entregara a uma moça estrangeira de nome Isabella, vinda da Cantábria, que falava mais ou menos bem português. Esta levou a carta com uma certa mensagem às costas daquela região italiana e a apresentou ao Papa Francisco, para que pudesse ser devidamente zelada e respeitada, como se se tratasse de uma relíquia da maior raridade possível e impossível, segundo as leis a que obedecem cientificamente os milagres mais ou menos católicos. E eis que na sala entra um homem que se dizia chamar José e ocupa o púlpito das confissões para que, servindo-se da palavra e do tempo dos presentes, se dirigir à

Não há Condições

Victor Mota

assembleia ali reunida a dois de Janeiro de dois mil e catorze. Esteve então, mais ou menos duas horas falando das incidências do futebol no último fim-de-semana, para que mais ou menos presentes se ilustrassem para além dos títulos garrafais da Bola e do Record, de segunda-feira de manhã, quando todos, sem excepção, tinham pouca vontade de trabalhar. À medida que se agastava com tais pretensões, Tiago Estnes tomava como rarefeito seu desejo por mulheres, pois tinha dificuldade em estabelecer com definitivo um juízo mais ou menos explicitamente correto sobre as qualidades das coisas e das pessoas. Seu corpo era então projetado no espaço em redor como se um holograma se tratasse, cuja representação equilátera equivaleria a uma projecção das coisas mais ou menos tenebrosas da sua mente humana. No tempo em que caminhava de mão dada com Teolinda (outra das suas paixões) pela beira-mar, Estnes emitia juízos sem fim sobre as qualidades mais ou menos intrínsecas da pátria, sendo que nada de muito importante haveria a fazer que não tivesse já sido feito pelos antepassados. O presente era assim uma surpresa nos dias de Natal e Consoada, sendo que chegamos a Reis com a mesma determinação com que passamos estes dias que julgámos ser uma provação e almejamos esperança de vir a reencontrar as mesmas forças em dias posteriores, isto é, nas

Não há Condições

Victor Mota

instâncias mentais mais ou menos fervorosas dentro de nós, dentro das tripas coração, dentro do espírito que não tem forma geométrica ou fórmula matemática e física-química conhecida. Quando um homem sonha, é claro que lhe aparecem em sonhos mais ou menos molhados inúmeras mulheres e se pudermos dizer, Estnes e Isabella (outra de suas concubinas políticas) percorriam esses dias de sonhos em que muitos planos se faziam no ar, sem ter necessariamente muito a ver com a realidade emocional do estar-aí para além de. Quando, nos dias de criança, o núcleo dos seus sonhos se reservara a modelos de revista, Estnes nunca pensara a desditosa provação de viver sozinho numa interminável busca de qualquer coisa que não chegaria a ser cinema nem literatura, mas que andava lá por perto, pois batia em todos os preconceitos morais mais ou menos inigualáveis com que a sociedade conservadora daquele século se prestara a apresentar. E no dia em que retiraram um feriado importante, o seu desconto para a velhice começou a ser feito em duodécimos que chegavam tarde e a más horas. Não temia, por isso, o julgamento dos outros, não que o presente relato fosse uma biografia, mas seria tão somente ilustrativo da vontade de um espírito subsistir no tempo, naqueles tempos difíceis da assistência internacional.

5.

Pedro Estnes, tio do manifesto pudor de Emmanuel Estnes, procurava uma ligação directa com o seu passado. Resolveu descer o monte e a casa de campo onde vivia, para rumar em direção à cidade, no seu autocarro de sempre, o 528, acompanhado de sua manifesta esposa e de seus manifestos três varões, a partir dos quais se iria cimentar a descendência deste nobre atleta, pelo que resolveu indagar quais seriam os pensamentos semelhantes entre Filomena Estnes e Gonçalo Estnes, aparentados com ele por uma transmissão secreta de pensamento, em que um e outro se iludiam ardorosamente, procurando manifestamente um manifesto para a qualidade de algo eflúveo.

Nesse ano de seminário, muita coisa se passou dentro da cabeça de Lativa, uma jovem amiga de Pedro Estnes, que procurava inscrever-se pela primeira vez na faculdade de Psicologia da capital, enquanto Pedro Estnes e Emmanuel Estnes feneciam de ardor de viver um com o outro à distância de um clique. A jovem, na sua tenra idade, evitava os perigos da grande cidade, a potenciação da alienação própria de

Não há Condições

Victor Mota

ambientes pouco conservadores e onde o cosmopolitismo andava disfarçado com a má-fé e a sacanice. Havia, portanto, esses dois universos, que Filomena e Lativa, primas em segundo grau, haviam franquiado nos anos noventa, sob a hipótese de conseguirem ambas um lugar na faculdade de psicologia e letras. Mas deu-se o caso de um novo personagem se intrometer entre aquela conversa de família, pois é de famílias que se fazem os romances ou, pelo menos, a vida, tanto quanto se sabe. Mais adiante nos referiremos a esse personagem, que sai da trama e envolve outros núcleos familiares, como se de uma observação científica se se tratasse. Entretanto, no cabeleireiro que Estnes frequentava, havia clientes de diversos gostos, desde aqueles com cabelo mais arenoso a outros, com ele mais escorregadio, como rio de enguias se tratasse. Nesse dia, entre barba e cabelo, a conversa era a morte do Rei do futebol português, que iria a enterrar mais logo pelas três e meia da tarde no cemitério da Estrela.

Entretanto, como se não fizesse amor com ninguém há cerca de dois anos, Estnes e Maria Enes encontraram-se num discreto café da capital, a li para o lado do Saldanha, onde muita gente acorria nesta altura para ver passar a urna do Rei Eusébio. Não se falava de outra coisa, e Pedro estava excitado com a ideia de um rei morrer, pois era sinal de que o governo

Não há Condições

Victor Mota

se poderia senão demitir, pelo menos fazer modificações. Um desejo subliminar percorria o interior daquelas pessoas que assistiam ao funeral, como se se erguessem e levantassem antigos desejos reprimidos que se misturavam com a chuva, mais ou menos consentâneos com o ardor-fogo-interior das mulheres que ora se manifestavam com lágrimas. O dia estava chuvoso, como disse, e de um lado ao outro das ruas e vielas, o que se acrescentava era o que se sentia e pensava e conversava de um lado e de outro das esguias vias do desejo e da manifestação pátria. De uma forma ou de outra, o casal acima mencionado procurava um lugar acolhedor onde dormir, passar a noite, fazer amor após um dia de tristeza avassaladora.

Nessa tarde, Helena coçava a crica ao sol e com um pente penteava a sua vasta cabeleira, no seu studio nos arredores de Lisboa. Estnes ignorava a sua presença, mas sabia que ela fantasiava com ele desde o início, e cigana como era, era-lhe difícil acostumar-se aos costumes das sociologia que por lá se fazia. Seus desejos e fantasias envolviam armas, tiros e polícias, para além de ambulâncias e cemitérios. À noite, nos dias de carência afectiva, divertia-se com videos sacados da net com que se entretinha a ver a cena primordial do sexo-amploxo um sem número de vezes. Queria mais, mais, a sua mente porca e imunda estava cheia de montes de vénus, pénis

Não há Condições

Victor Mota

e protuberâncias da matéria que ela mesma não se preocupava em explicar, acontecia que aquilo tudo irrompia no seu interior vindo à superfície de uma modo insuspeito e inaudito. Conheciam-na também por *chupa-cabra*, uma espécie de cabra montanhesa que se difundia naqueles tempos no reino de Portugal, por entre vales e precipícios onde buscava insaciadamente matar a fomeca. Naqueles tempo, Estnes andava com mais projectos, porém não se preocupava especialmente com o que pudesse acontecer no seu território, despovoado de mulheres, melhor, pleno de mulheres sem interesse que se preocupavam antes com encher o cú de mil e uma coisas tudo menos fundamentais. Na verdade, Helena não se aguentava muito tempo em casa, embora estivesse a maior parte do tempo com cio e comichão no cú, como se as entrelinhas fossem uma espécie abrasiva mais ou menos dotada de mil e um pormenores. Por estas e outras razões mencionadas, Helena não se aguentava muito tempo em casa, pois como se fosse exíguo o espaço, mais comichão tinha em ambos ou sítios, não se lembrava ela de comprar um dildo ou lá como se chama para se entreter nas horas vagas. O seu desejo pelo vizinho estnes não era de todo correspondido, por isso ela entretinha-se, na falta da posse deste, em trazer inúmeros homens lá ao espaço exíguo em que “habitava”.

Não há Condições

Victor Mota

Enfim, passemos a outras peripécias que estas são bem mais tristes do que podemos imaginar. Pode o leitor perguntar-se onde estão todos os outros personagens que por ora encobrimos e onde está aquele prometido que iria salvar a pátria, enfim, não sabemos, sabemos tanto quanto o leitor, pois estamos mais confessadamente muito mais expectantes com o que se irá passar a seguir. Enfim, era tanto a tantanice de Helena, que não sabemos explicar por que mecanismos da mente ou de coração esta pobre criatura se desunhava em conseguir um lugar social com que tinha sonhado, como se para ela o mais importante fosse a carreira, tendo deixado tudo para trás, filhos, família, viagens, etc, coisas de somenos importância para ela. O que era importante para outros, era menos importante para ela, vá-se lá saber porquê, eu também não me reservo o dever de explicar tamanha tantanice. O estado de nervos da maior parte das pessoas naquele âmbito geográfico era deveras lamentável. Somente Estnes, à custa de muitos sacrifícios e vontade de orientação, conseguira manter uma estranha e inusitada lucidez no meio de tanta loucura. Que iria ele fazer com essa cegueira que se havia apossado dos habitantes daquela cidade de Cosmos? Enfim, Estnes passava despercebido, vivia como se a sua casa, o seu apartamento, fosse um enorme quarto de seminário, pelo que se pode dizer

Não há Condições

Victor Mota

ampla e exatamente que havia conquistado a felicidade. E como se manifestava tal importante sentimento? No alheamento de tudo e na dedicação à escrita, precisamente aquilo que mais lhe importava, sendo que a sua ficção se estendia naqueles dias chuvosos de Inverno como a chuva pelo chão do pátio, lá fora.

Estávamos então no domínio do policial, para o qual tínhamos juntado todos os ingredientes: a namorada que vivia perto do Presidente da República, a vizinha que tinha taras sexuais, a conspiração da polícia contra Estnes. Só faltava uma pitadinha de humor nesta análise da glândula pituitária dos nossos personagens. Estnes, Lilly e Helena, um triângulo amoroso que bem podia acabar mal. Ou bem, caso de portassem bem as mulheres e não tivessem ciúmes uma da outra. Antes de nos abalancharmos à trama principal, vamos entrever uma cena, que é a da noiva andaluza, esguia e comprida, à soleira de sua casa, como aquela que estava há pouco no café, servindo de isco a Estnes, mal desconfiava Helena e Lilly do que passava. Estnes bebeu o seu café e quando saiu ela já lá não estava, enfim, era este jogo de sentido sem sentido algum que mais tramava Estnes e o deixava pleno de preocupações quanto à sua masculinidade. Mas, enfim, vá-se lá saber porquê, as mulheres têm sempre

Não há Condições

Victor Mota

qualquer pensamento ou coisa oculta que nunca revelam, temos de ser nós, homens, a revelar tudo com maior ou menor dificuldade, elas têm sempre um stratagema fígado para nos tramarem nas costas, vá-se lá saber porquê, eu não sei nem me interessa, afinal não me pagam para isso, mas para mais do que isso, continuar a história que envolve Helena, Estnes e Lilly, esse triângulo amoroso que se desenha no espaço, no ar, à medida que passam os aviões e se enterra Eusébio.

Também eu, dizia Estnes a Helena, também eu gostava de conhecer o amor e a felicidade de uma só vez e nunca deles me separar, nunca de ti me separar, minha linda, acontece que tu mesma duvidas da felicidade que te encobre os dias e tens uma tendência para te esconderes sob uma capa de artificialidade sempre diferente. Como Lilly, a actriz que conheci no outro dia numa discoteca, meio actriz, meio dançarina. Só aparecia à luz dos holofotes, para fazer as suas cenas mais ou menos imprevistas, como quem faz um derradeiro esforço para evitar a loucura, sem que saiba a fundo o que isso é, como se à loucura quisesse somar mais loucura e acabar louca de uma vez por todas, isto é, morta, esquecida, para sempre esquecida numa foto a sépia de uma campã no maior cemitério da cidade. Bem, depois de ouvir uma música na rádio do Quarteto (o 1111), resolvi deitar-me um pouco, pois estava ficando sem fôlego nesta história algo rocambolesca e que me estava dando a volta à cabeça, nunca se sabe, isto para entender o espírito e o pensamento das mulheres, vai muita coisa, às tantas deve-se ao facto de poderem pensar em várias coisas ao mesmo tempo, talvez eu

Não há Condições

Victor Mota

mesmo, como autor, esteja ficando obcecado e preso sempre aos mesmos desejos, aos mesmos pensamentos e nunca me consiga libertar deste peso das personagens, que nunca são queijo-queijo, que se esquivam como enguias entre os dedos, vá-se lá compreender os jogos de sedução desta gente, enfim, eu não percebo, enquanto autor, mas talvez daqui a um tempo, a uns dias, isto venha a ficar mais claro, sim, esta coisa da trama principal que por ora descortinamos no pensamento. Esta coisa de passar jejum cada vez que se resolve compreender uma mulher, está ficando cada vez mais uma doidice, uma coisa sem jeito nem maneira, algo informe, que o espírito de um homem que simplesmente deseja, não pode compreender. Estou metido no meio de feras e só tenho salvação se me tornar uma fera ainda maior, mas pronto, não podemos esquecer a trama do triângulo amoroso mencionado, que é para isso que aqui estamos, vénia seja feita ao leitor.

Entretanto, a situação (que situação?) estava a feder por si própria, pútrida, numa manifestação ôca que raiava a loucura, que me veio visitar mais uma vez num dos movimentos involuntários do meu espírito. As sirenes da polícia e dos bombeiros troavam na noite. Chovia no pátio. Desliguei o rádio. Não me atrevia a ver a tv, nem a ver os rostos daqueles que choravam por Eusébio. Sim, voltaria a falar da minha

Não há Condições

Victor Mota

situação e em tudo o que ela tinha de absurdo, pode pensar o leitor mais arguto que eu próprio desejaria tal situação, mas responder-lhe-ei que não sendo gay, que poderia fazer nessa cidade em que não compreendia aquelas mulheres? Tiravam tudo de mim como se de exploração sexual se tratasse, depois fugiam, utilizando as mesmas táticas de Dom Juan. Apenas me consolava com o quente (ou frio) dos lençóis, não invejava quem saltava de parceiro em parceiro como quem muda de roupa, tinha raiva de não ser assim, raiva da minha situação, raiva de ter perdido para sempre a aprendizagem que os tornara tão adaptáveis à mudança que eu ficava sempre no mesmo lugar, desguarnecido, à mercê de uma vizinha paranóica que me queria ver na prisão. Eu, afinal de contas, tinha pena dela, que não tinha vivido a minha experiência. Tinha pena se ela enlouquecesse. E, contudo, isso estava tão perto de acontecer!... Uma náusea instalava-se, uma sequência, na passagem da luz à sombra, de equívocos, de desentendidos, que deixavam as pessoas tristes, desmaiadas, desguarnecidas, tristes como se lhe tivesse trespassado uma espada e ficassem exangues num beco sem saída, à espera que um Cristo qualquer os viesse salvar e julgasse digna de nota a sua alma, a reminiscência dos seus pensamentos, dos seus sentimentos, das suas confusões sentimentais. Como éramos frágeis

Não há Condições
Victor Mota

naqueles tempos!...

Pensamento após pensamento, não percebia bem o que acontecera comigo. Estava ali, numa cidade onde havia estado todo este tempo, no entanto parecia estar na mesma situação com que aqui cheguei em 89. Tinha raiva de ocupar o pensamento e os meus dias com coisas inúteis como tentar compreender a razão por que as mulheres não me davam atenção. Cigarro após cigarro, cada vez percebi menos. Não conseguia deixar de me preocupar com as coisas essenciais que todos, um dia ou outro, acabam por conseguir. Acho que havia desde sempre levado as coisas demasiado a sério. Talvez com as mulheres fosse o mesmo. Nada sem saía bem, dada a insistência desta espécie de frustração e desalento misturada com raiva. Só queria adormecer e acordar no dia seguinte, pensando que esqueceria tudo isto. Nada de bom parece ter acontecido nesse dia. As palavras, aqui deitadas, tinham aparentemente pouco valor.

Então, Estnes, com os dias melhorados, procurou Helena no alto do monte onde Kate Bush estava esperando pelos dois, a fim de os conhecer e tocar no baile onde os dois dançaram e se tornaram noivos. Ao fim e ao cabo, Lilly procurava outra coisa, a sua independência moral, desde cedo, face às contrariedades da vida e à família. Passado esse verão, ajustavam-se as

Não há Condições

Victor Mota

pequenas economias, no nosso país endividado, que se ia consertando a pouco e pouco do excesso de despesa e falta de investimento. Enquanto o casal se aprontava para estrear a casa, Lily resolveu viajar até Londres, onde seu ex-marido andava um pouco à toa. Terá encontrado esse pai longínquo que fugira às suas obrigações e deu-lhe o devido raspanete por não dar a devida atenção ao seu filhote, que ficara em Lisboa como músico dos Xutos e Pontapés. Estava Estnes velhote e só pensava em não deixar dívidas para com os seus sobrinhos, pelo que as contraídas em vida eram pouco significativas e acabaram por se esfumar com o passar dos anos. Era esta a história da família, a história de um triângulo amoroso que acabou por se espartilhar pelo velho continente, não que não houvesse família, por exemplo, no Brasil e na Austrália, onde as gentes prosperavam nesses países desenvolvidos ou emergentes. Gente ia a gente vinha, usando diversas convenções idiomáticas, trocando produtos os mais diversos para os mais diversos fins e propósitos. Enquanto não se resolvia a atentar aos seus dois filhos, Helena buscava na oração o apego a algo de transcendente que evitava que enlouquecesse, evitando Deus que se contagiasse tal doença aos seus filhos e pequenos que por ali andavam a brincar. Enquanto não comprava um Mercedes Compressor, tal como

Não há Condições

Victor Mota

emigrante devido que era, Jonas Artides economizava dinheiro a um nível de poupança que fazia juntamente com sua mulher Carolina (Artides), doente de um joelho desde há bastante tempo e que se encontrava hospitalizada quase a der o berro, se assim se pode dizer.

7.

Assim, pouco a pouco, evitava pensar em mim próprio e nas contingências que me haviam trazido até ali, enquanto navegava e revisitava os lugares caros à minha memória, enquanto tudo me parecia difícil ao ponto de não o poder alcançar, como seja o mundo e os meus amigos após a minha morte ou eu após a morte de alguém querido. Procurava ainda a mulher dos meus sonhos e não sabia como fazer pois por mais que inventasse alguma lógica na minha cabeça, não percebia racionalmente o que não pode ser entendido nem se explica. Continuei, assim, o mais honestamente possível, pelas margens desse rio povoado de peixes, grandes e pequenos, que me faziam mais ou menos indiferente aos movimentos em direção à foz. Não adiantava desenvolver demasiado uma história tal como um romance ou um triângulo amoroso, quando tinha habilidade e dom para outro género de escrita. Isso era mais do que certo. Sofria de amor sem ter ainda amada, talvez viesse a sofrer ainda mais quando desse importância excessiva a esse amor. Que não existia. Ou estaria errado? Bebi mais uma cerveja. Prometi a mim mesmo não ser

Não há Condições

Victor Mota

tão coração de manteiga. Ou talvez não o fosse sequer. Será que exigia demasiado das pessoas? Estava ali, fora do tempo, fora de mim mesmo, intranquilo quanto ao destino que me era reservado, sonhando com corpos quando sabia que pouco havia para além disso que tivesse a ver com a anterioridade da dor e do desejo. As palavras ditas de Lilly a Estnes afinal tinham um certo sentido e um certo significado: não voltamos onde já fomos felizes, talvez porque queiramos que as boas memórias não se apaguem da nossa memória. Talvez houvesse um fundo bom em mim mesmo que permanecera intocado para além dos anos duros aturados na capital, das rejeições, das forças de indiferença, das tampas e chapadas, do objecto de desejo e da tremenda falta de sorte. Tudo tinha acabado, não havia nada de mais importante a fazer. Procurara erradamente o amor onde ele não existira. O tempo e Deus ainda me permitiam tentar compreender porque é que continuava querendo inventar histórias quando a minha vida pessoal estava devastada. Desejei profundamente regressar a Lisboa naquele mesmo dia, e já não sentia vontade de estar entre os meus, pois talvez tivesse toda uma vida para resolver. Para a maior parte das pessoas eu era um letrado que não sabia fazer nada; não sabia plantar uma árvore nem mudar um lâmpada, talvez por isso me agarrasse à escrita. Por mais que

Não há Condições

Victor Mota

infundisse forças a mim próprio, certamente que me era difícil continuar em frente. Longe estava a antropologia e a filosofia, não havia mulheres de um homem só naquele país, onde sonhara ter um trabalho, ficar com uma companheira, criar um filho. Enfim, era chato como o caraças. Não havia condições.

8.

Não sabia, por outro lado, até que ponto, misturando a intriga dos meus personagens, estava a projectar no papel em branco a minha própria vida. Mas sabia que, por esta estar resolvida, nada de muito importante havia escrito. Estava também reconfortado com a ideia de que os escritores melhoram o seu trabalho com a idade. Essa verdade verdadeira fazia com que encarasse com bons olhos a minha velhice e a dos meus pais e amigos. Dessa forma, a pequena aldeia de meu era o filão de onde eu persistia em retirar histórias, comentários e motivos para a minha tecitura plástica. De bestial havia passado a besta, sabia. Mas o jogo ainda não havia terminado. Eu continuava convicto de que tinha alguma coisa a contar e que a minha obra tinha alguma coerência. Pela primeira vez, sentia-me um mágico, um Deus-Criador diante do papel em branco e amplamente motivado pelo espectro de conceitos e palavras que me surgia na mente, sem que eu forçasse a sua elaborada apresentação ou desenvolvimento. Deu-me vontade de continuar a ler filosofia; à medida que falava com as pessoas, mais vontade me dava de ter motivos

Não há Condições

Victor Mota

para escrever, o mundo era para mim novamente um livro aberto, sem moralidade excessiva e condenação para quem fizesse o mal o nele por distração caísse. Eu estava dentro de qualquer coisa que não conseguia ou ainda não havia conseguido romper. Quando saísse para fora disso, dessa bolha de ar ou de sabão, talvez voltasse a escrever com gosto e em vez de para mim mesmo, para com um público que pudesse ler os meus livros. Era, talvez infelizmente, o meu maior desejo, sofrer como um poeta, criar palavras a partir de um dom que sabia que tinha e que não podia calar nem abafar. A vida, o quotidiano, era um grande teatro grego, cuja tosse do público eu ouvia, mas não via rosto algum. Esperava pelo passar do tempo, para ver em vida os aplausos e os rosto de alegria do público. Teria sido eu um actor todo este tempo? Um sentimento de solidão inexpressável percorria de alto a baixo, da esquerda para a direita, a minha alma. Acreditava que se desistisse da escrita, desistiria da minha vida, pois sem a escrita ela não fazia sentido. Mas continuava atento ao fluxo de pensamento na minha mente. Não achava que tinha feito nada de extraordinário. Apenas queria regressar a Lisboa e à minha vida sem sentido. Sem mulher.

Não há Condições
Victor Mota

Sabia, não o podia disfarçar, que a minha vida estava presa algures na adolescência e que não conseguia sair de lá. Não incomodava as pessoas com isso. Talvez houvesse mais casos como o meu. Ao mesmo tempo, esta forma de prisão mantinha de certo modo o meu romantismo ou, pelo menos, o meu sentimento, em relação às pessoas e às coisas e ainda às coisas das pessoas, que eu não via certamente como coisas. Sofria, como toda a gente, mas quanto a sexo, era uma nulidade. Muita fama e pouco proveito, como se costuma dizer. Pensava para comigo, Isto vai acabar mal. Há tanto tempo sem mulher e ainda para resolver assuntos pessoais que outro resolvem em pouco tempo. Passava por larilas quando aquilo nada tinha a ver comigo. Ficaria para sempre preso no passado? Não sabia o que fazer. Afinal de contas, o tempo havia passado. Deveria dar o lugar aos mais novos. Estava feio e desdentado. E sem trabalho, sem dinheiro, quem haveria de ficar comigo? Certamente que Clementina não.

10.

Perguntava a mim próprio: porque não me zango? Porque não bato em ninguém? Porque talvez, adiantando uma explicação, acredite ainda no sobrenatural e num fim especial para a minha existência. Sim, sou bastante pouco realista. Não adianto demasiadas explicações. Estou nesta situação porque talvez seja esse o meu destino: viver em carência afetiva, não me preocupar com os bens materiais, viver uma vida censurada por todos e mais alguns. Juro que quando sair desta bolha, farei alguma coisa. Por mim mesmo, que tarda imenso. A dor é insuportável, bem como o desejo. Tanta hora perdida em favor da escrita, a fim de deixar alguma coisa escrita...terá sido em vão? Que perdi? Que ganhei? E isso importa, agora ou alguma vez? Por vezes, poucas vezes para mim, a realidade não se explica, vive-se. E o melhor é deixar o tempo passar para ver se faz efeito. É irónico, mas talvez seja terapêuticamente a única solução. Para quem espera e desespera, talvez a felicidade venha no fim. Depois, tenho a sensação de passar a vida a fugir de qualquer coisa. A fugir de alguém, como se me tivessem ofendido ou aleijado. Não

Não há Condições

Victor Mota

percebo bem esta situação. A trama, o triângulo amoroso, acabou? De facto, não penso nisso, ainda acredito no amor. Será que o amor, ou algum amor, acredita em mim? É estranho e irónico. Estranhamente irónico.

Num dia de sol, Estnes confessou-me que mudara tanto quanto se tivesse feito uma viagem à volta do mundo. Na verdade, todo aquele tempo de espera, de hesitação, de frustração, redundada em qualquer coisa parecida com aquilo que ele já era em criança. Entre este estado presente e aquele que havia passado, muitas imagens povoaram a sua cabeça, muitas imagens entre a aldeia e a cidade, muitas mulheres, aquelas que havia conhecido, multiplicavam-se agora em situações mais ou menos eróticas. Helena estava sempre mais presente, mas como não podemos falar de uma ausência, descartamos a sua descrição. O mesmo acontecia com Lilly, que fizera do espetáculo a sua vida e que agora conhecia outros que não Estnes. Este ficava pelos cantos da casa, fumando, imaginando encontros em que vencias a sua natural timidez, no campo ou na cidade, em contextos determinados ou na rua. Alimentava o seu desejo com situações passadas, almejava finalmente namorar ou passar uns dias com alguém, que podia conhecer numa situação ou noutra, a propósito de uma coisa ou de outra. Estava agora receptivo, sabia que não era gay nem bi, que era um heterossexual reprimido, que vencera finalmente a provação dos trinta, em que pensamos

Não há Condições

Victor Mota

que somos toda e qualquer pessoa. A sua mente estava direccionada para um amplexo futuro, sabia que não precisava de extremos, que podia ficar pela razoabilidade dos dias, contados uns após os outros, sabia que podia ficar pela mediocridade das relações mais ou menos estáveis e não estava bem lá no campo, onde lhe parecia tudo mais ou menos vazio e onde sua mãe e sua irmã enchiam o cenário dos dias efectivos. Sabia que tinha de ganhar a vida, mas não sabia redondamente o que fazer, se partir para outras coisas, sempre adiadas, se manter a escola de filosofia que havia fundado e esperar que aparecessem alunos.

A médica de Estnes havia-lhe dito, quando saiu da clinica de recuperação: “ Tens de arranjar emprego e namorada numa semana. É uma ordem.” Pois, anos depois, Estnes mantém-se na mesma situação, a que se acrescenta a mania da pornografia. Nada disso modifica a sua pessoa, mas seu espírito se abate depois, como se tudo pusesse em causa. Tem saudades de andar de carro até Leiria, ouvir a RFM, ao invés de investir na cidade, em mil e uma ideias, tem vontade de regressar a casa, mas seu pai permanece imóvel como uma estátua, dos 4 carros que tem, não lhe dispensa um que seja...tanto tempo que esteve sem mulher...cerca de dois anos, como se terá safado? Num ano, quatro quecas...puxa! Que faz um homem adulto numa

Não há Condições

Victor Mota

cidade que ainda não conhece? Ou que conhece tão bem que já nada lhe diz alguma coisa? Um homem que por acaso não é feio e que não tem nenhum problema com as mulheres, mas que está passando uma fase difícil, que todos os homens passam, uma crise de identidade, podemos dizer, que espera ainda por tentar sua vez, agora mais tarde, um pouco mais sábio, que tem uma família maravilhosa e que tem projetos, só não tem companhia nem rendimento próprio? Que faz este homem na noite, espaçando o seu desejo, roubando sono à noite, roubando palavras àquelas que não são ditas, às que lhe não são ditas e que não tem enfim, um carro. Mas que interessa tudo o que ele não tem, se o que tem é muito mais importante? Sim, talvez um caminho, um destino, umas palavras, um sentimento, um romantismo, mais, enfim, talvez um pouco mais. Bruno Mars esforça-se para cantar bem. É como a cantiga do rouxinol, uma corte, não acentua o factor sexual, apenas canta a sua serenata e faz por merecer a atenção da sua dama. Nada mais se pede a um homem.

Quando a um tempo os motivos para mudarmos de opinião eram, certamente mais sólidos, hoje em dia, provavelmente são mais abstratos e subjectivos. Para além disso, passa aí uma ofensiva na internet que é preciso ter debaixo de olho...ou não...

Não há Condições

Victor Mota

Mas, entretanto, um amigo de Estnes, Frears, regressou vindo do Brasil, trazendo consigo o ímpeto dos sentidos que caracteriza aquele país-continente. Enquanto ouvia David Fonseca na rádio, pensava no romance que tinha para realizar e como não conseguira nos últimos tempos “levantar voo” no domínio da ficção. À doirdice dos últimos dois dias, seguia-se outra, porque não tinha ideia de onde ia, para onde iria. Sentia saudades de Fanny, dos seus jeito desajeitados quando entrava em casa vinda de lá fora, da chuva, e encostava o seu corpo ao seu. Entretanto, o ministro católico Paulo Portas, pedia ao país no congresso do seu partido para que se unisse a ele num último esforço para superar a crise instalada desde 2008. Quanto ao que Frears trazia na carteira, melhor, na mala, projectos de grande escala e longo prazo. A bem dizer, Frears pretendia implementar uma escola de filosofia, juntamente com uma editora. Sua mulher Estela servia-lhe como o apoio que não tinha nos amigos de jantaradas e festas. A alma borra os limites, pode dizer-se. Frears era o oposto de Estnes; enquanto um tinha limites estreitos e determinados quanto às suas convicções e às das pessoas com quem contactava, Frears era especialista em “borrar os limites”, sim, no aspeto gráfico da coisa, no aspeto animado, *de anima*, obedecendo a um estímulo verdadeiramente notável, assinalável, digno de

Não há Condições

Victor Mota

registro. Era um trabalhador dos limites morais, nada havia que enganar, cedo ficou sem amigos, tendo estudado tanto no EUA como em Moscovo, conhecia as relações internacionais como poucos e era candidato a uma assinalável carreira diplomática. Enquanto isso, Estnes descobria uma alternativa à religião e ao profano, a saber a afirmação do indivíduo como cidadão da polis com uma espiritualidade própria, não um ateísmo ao geito de Onfray, cuja tradição se expande por toda a Europa, uma afirmação arreigada ao dever de Ser e Pertencer, ao direito de Ser e, porque não, de **pertencer**, cujo direito, pode também dizer-se, se conquista com trabalho árduo no quotidiano. No fundo dos pensamentos de Estnes, havia um desalento que atravessava o povo português naquele momento da sua história. O fado não é tristeza, é melancolia, é saber. Por se pensar desligado do mistério do destino de toda a Lisboa, Estnes não se apercebia que sofria também, à sua maneira, como toda a gente à sua maneira, o destino do é ser português: saber o que custa, o que custou, o que é amar, mesmo não sendo amado, triste e arrastado destino que toda a ciência social não explica, que a filosofia levará anos e anos a consertar, a psiquiatria e a psicologia apenas poderão retocar a pintura, disfarçar uma ou outra nódoa, ou esgar de cansaço. Só a poesia poderá salvar o povo português, e salva, assim

Não há Condições

Victor Mota

acontece, pois sabemos que não se está assim tão mal por aqui, onde há meio mundo e mais algum, coisas e palavras deste e doutros mundos. Pensei também em Lily e Celeste e nos seus eternos destinos, por entrelinhas e membros de homens, dos seus homens disfarçados, procurando a felicidade em recantos esquecidos das ruelas de Lisboa, não nunca serei um escritor de Lisboa, mas simplesmente mais um em Lisboa, mais um habitante de Lisboa. Isso basta-me, sair dia após dia, tomar o café, ver as pessoas que se entrecruzam em destinos diferentes, porque afinal sei onde estou, sei que quis vir para cá. E encontro, a meio caminho, Vitaly juntamente com Estnes, Frears, Estela e Lilly numa esplanada no Chiado. É verão. Bebem um café. Dali a pouco, debatendo assuntos comezinhos, bebem um pouco de vinho. Não sei o resto da intriga. Nunca serei um romancista. Pelo menos no que respeita a este romance, se isto o é. No que respeita a estas personagens. Podia ser mais uma cena de *Fiesta*, de Hemingway. Mas eu fujo à morte e apenas preparo mais e mais uma obra. Se é coisa na vida que Frears e Estnes sabiam fazer relativamente a suas mulheres seria ganhar tempo. Tempo para beber, para pensar. Pensar nas mulheres. Como ela ou eles se aproximariam uns dos outros, corpos misturados, entretecendo linguagens de saber inultrapassável e saturado. O bom escritor

Não há Condições

Victor Mota

é um homem frustrado, dos amores e das dores, das expectativas, bem, ainda há muito para grassar, mas este homem desceu aos infernos e subiu às nuvens em poucos dias, só a mente humana consegue vencer, como Ronaldo, com o corpo em conexão com a mente e o coração, consegue fazer justiça no marcador e dizer a Messi que não merecia as quatro bolas de Ouro, talvez apenas três, assim hoje estaríamos empatados, enfim, consegue fazer sonhar todo um povo. Decidimos, assim, encontrar a solução da vida, a solução para a vida, sendo que compreendemos porque os psicólogos insistem tanto na libido como solução para os problemas da alma e da humanidade; é porque, afinal, na afectividade reside a SOLUÇÃO para os problemas das relações humanas, mais coisa menos coisa, isto sem elaboração premente ou acabada, tudo vai dar ao sentimento. Afinal de contas, é por este motivo que encontramos Estnes ainda naquela esplanada, juntamente com seu contraverso Frears e respectivas damas Lilly e Estela, bem como a neutra transsexual Vitaly, figura transformada, tudo menos obscena, quase angelical, ao ponto de fazer lembrar o próprio Jesus, é por isto e pelo café, pelo bom vinho, pelo fado, pela luz e por tantas outras coisas que encontramos estas figuras no meio de tanta gente que dizemos ser anónimas e enfim, a pressa de descrever tal cenário, ali para os lados dos

Não há Condições

Victor Mota

Jerónimos, é tanta, que tantas são as coisas que temos da contas, que tanta coisa e tanto amor temos atravessado na garganta que todas as coisas entupidas se evaporariam num instantes assim que começássemos a desfiar o novelo que temos enrolado no espírito. No entanto, algo nos inquieta, não sejamos inexactos, sabemos o que é, só que queremos, neste mundo aberto, *au-delá* das convicções, aberto, escancarado no quotidiano, queremos aproveitar a réstia de privacidade que temos para gozar com isso como se isso fosse universalmente aceite, que o é, toda a gente o faz a toda a hora, em todo e qualquer lugar.

Não há Condições
Victor Mota

12.

Nestes dias de conhecimento dos meus personagens, interroguei-me sobre o que me disse Sastre, um sumido indivíduo que encontrei junto ao meu tio Jacques Tati, que veio a Lisboa aproveitar a profética luz que se estendeu nesse dia de Janeiro, entre chuva e vento, depois de algum pedaço que caíra no dia anterior. Na nossa conversa informal, distendemos razões sobre as coisas que a assistente social nos dissera ontem. Não dava mais para manter aquela situação de *divertissement* em que se entretinha Loeb e Matias, um regular militar que não podia ser mais extremoso em prejuízo da sua compleição tímida. Aquela mulher não podia ficar ali mais, entre as razões que descobríamos, cruzadas, entremeadas, sobre valor de fé, tinha de voltar para casa com seu filho e entender-se com seu marido. Gostaria então de reparar um erro, um descuido no manuscrito que me entretinha há cerca de três anos, não sei precisar a data. Mais um concurso literário a que concorri. Aquele corpo foi recolhido pelo mar a truz-truz, transformou-se numa bela sereia que se entendeu

Não há Condições

Victor Mota

sobremaneira com o pouco falador Sansão Milito. Como este, havia poucos. Eram raros, raríssimos, com poucas doenças, entre as conhecidas e desconhecidas, vá-se lá saber, alguma coisa se tinha de fazer, éramos obrigados a produzir milagres e milagres, uns atrás dos outros, para resgatar o Império, tão enegrecido pelos seus inimigos. Mais tarde, neste *Banquete* talvez irrisório, o capitão Addock juntou-se a nós na entoada tarde de certas e determinadas célebres clivagens que se debatiam a partir de nossos espíritos e nossas razões, Havia um contentamento descontente, sábio como nunca, naquela fim de tarde em que Addock se prestou a contar seus cansaços de ter ido parar àquela cidade há mais de 10 anos, imerecido fora, segundo ele seu destino singular e do seu ponto de vista nada irrisório quanto às concubinas e conclusões que tiraria daí. Cansaço, então, de assumir a mesma figura e personagem durante anos, como se o marcassem como cromo em plena rua, enquanto se gritava “na liberdade é que está o ganho”. Estranha liberdade essa em que apenas pensar não se pagava. Bem, pelo menos não era mau, mas havia sempre misteriosos personagens perseguindo o nosso nome e o nosso destino, ávidos de nos fazer mal, mais mal do que aquele que fazíamos a nós próprios, como se estivessem contaminados por magia-negra da mais pesada. Era cada peso!...

Não há Condições

Victor Mota

Addock cansara-se de se justificar, de explicar tudo e mais alguma coisa, um cansaço do tamanho do mundo, como se tivesse evitado de raspão uma lobotomia, por assim dizer. Dentro de tal submarino, o nosso capitão exercia o domínio nas suas quintas e, mais tarde ou mais cedo, se veria o resultado. Evitando de reincidir em fenomenologias de ordem subjectiva, que incidem sobre as nossas personagens, ferindo suas almas morais, fixando memórias antes de serem sepultados, não sei porque razão, absoluta ou relativamente, Loeb gatinhou no seu apartamento até ao sonho de respectivas necessidades, parafraseando o indivíduo, saltitando em sua mente redonda que nenhum propósito objectivo realizava ou pelo menos encenava, ensaiamos por ir mais longe e realizar as efabulações e papéis de actores diversos, diversos actores sociais e actores artísticos, não sendo não que os actores sociais não sejam também actores (dos artísticos, de vária ordem), contextualizamos a nossa narrativa num universo geográfico circunscrito, modesto, humilde, mas imenso, de uma “humildade gloriosa”, diria Aquilino, o que nos permite saltar género e metodologias ao ponto de nossa tarefa ou actividade ser útil não no imediato mas mais tarde, para aqueles que se dedicarão às artes de realização propriamente dita e ensina no seu campo, mais personagens se perfilam,

Não há Condições

Victor Mota

como quem fia, de Viena a Braga, de Sidney a Nelson, da Patagónia á Sibéria, exageremos um pouco. Neste âmbito podemos dizer que tínhamos há pouco uma colecção concreta de pensamento mais ou menos espirituosos que nos permitiam salvar a humanidade, como diria Rosa Montero, mas dispensamos ao nosso espírito tal tarefa, pois suas regras, relativamente acertadas ao método mais ou menos cartesiano, obedecem a uma torrente que se compensa a si própria como quem marca um golo para a câmara registar, devagarinho, como se a bola tivesse todo o tempo de entrar na baliza, como se fosse tecnicamente enlaçada por um movimento particular: avança, mas como se fosse andando para trás, animada de um movimento simultaneamente imperativo e com o particular efeito que não só desse a impressão de ela estar andando para trás (gozando o olhar incrédulo do adversário), como se andasse mesmo para trás, não necessitando de nenhum toque final, mas cuja força acometida na direcção da baliza, da linha de baliza, que é o que mais importa, fosse realmente maior do que a crença subjectiva do espectador que, à uma, a puxa para trás com o olhar (ou a impele para a frente castigando a ingenuidade do guardião), maior do que a energia nela dispendida para o efeito, maior mesmo do que o mero golo entrado. Enfim, teríamos, então, um golo de antologia, como

Não há Condições

Victor Mota

os de Matic, que teve por sua autoria o segundo o terceiro melhor golo do mundo este ano, para além das alegrias de Ronaldo e Heynkes, que treinou João Pinto e o Benfica, os nossos motivos de otimismo começam na bola e às tantas acabam na bola, isto não há volta a dar, nem que por mais teoria ou cinética se exerça sobre as mentes acabrunhadas de nós mesmo, surpreendidos por um MAL que nos encima dos pés à cabeça, mas que nunca nos poderá abater, pois quem vence destas coisas vence também a própria morte, eivada de pudor e moralidade na mente de Loeb, um condutor de carro de ralie que virou treinador de bancada do Sporting Clube de Portugal que, diga-se em boa justiça, não foi, como pensáramos, o clube do regime, à semelhança do FC Barcelona, por isso não teve talvez os favores das multidões e a força animada das turbas ou o dinheiro dos marketings cosmopolitas, mas que tem uma boa cantera, e que passará, digamos firmemente, as passas do Algarve para ser campeão, pois um FC Porto relativamente pouco ambicioso nada pode frente a um Benfica que se agiganta cada vez que, visto abatido em sua glória, expande seus próprios instintos universalistas, dentro e fora do campo. Aos dias sucedem as noites e nosso triângulo amoroso vê por quase terminado seu desenho, a menos que queiramos destapar as intimidades mais

Não há Condições

Victor Mota

ou menos razoáveis e a moralidade que é mais medo do que a curiosidade distraída de que falar o físico português que apresentada o programa de ciência na RTP 2 quando Eládio Clímaco se distendia na cadeira apresentando os Jogos sem Fronteiras, mas eis que chegámos a uma dimensão particularmente metafísica do sobrado que nos envolve, sendo que os ramos e folhas quase nos sufocam nesta floresta que não sabemos bem se atrapalha ou favorece o entendimento das coisas boas e positivas, de alguma coisa é senão remeteríamos a mundaneidades de Loeb, Lilly, Estela, Sastre, Estnes, como se fizessem parte de uma banda particular de rock progressivo no Festival de Montreux. E então, como se não bastasse, nosso Estnes, irmanado com seu amigo misterioso e singular (fora das singularidades da loira Estela) Sastre (não confundir com traste ou triste, o que seria bem pior), ajeitados naquela janela de saber e arbitrariedade, atingidos por um feixe de sentido indecifrável aos olhos do popular cidadão, invisíveis por um qualquer cidadão do poder, mas sentidos apenas por aqueles que andam há anos de metro e autocarro sem se queixarem, seja feita justiça, encontraram-se na obsessiva situação de pensarem demasiadas vezes em dinheiro e essa é todavia e sobremaneira a desgraça do sumítico, daquele que tem muito e muito mais quer, daquele que ao dinheiro não esconde o

Não há Condições

Victor Mota

mistério do que quer no futuro, daquele que ajuíza pelo valor em que acredita e não pelo valor que as coisas têm na realidade, fora da sua mente redonda, daquele enfim que esquece um Charles Foucauld, um São João da Cruz, um português São João de Deus, um Francisco de Assis e que nunca vi com seus olhos, nunca, descrevendo, vamos lá, sentiu com as suas unhas o efeito das unhas de Santo António cravadas nas escadas de acesso à torre da Sé, como no protagonista de *A Mulher que Viveu Duas Vezes*, que por acaso era James Stewart. Sim, entre o desejo atingido e o desejo desejado e parido, perdido, há uma volta que não acaba nunca naquele que, por exemplo, não mede o amor com métodos estritamente televisivos ou cinematográficos, mas na mente (como se fosse, ainda, até agora, um depósito oval deitado, tal como um submarino), mas o mede pura e simplesmente pela sua ausência, pela mera falta de manifestação de emoções, no sentido de o capturar, no ar ou deitado, pela arte, pela diatribe dialógica, pela estrita necessidade de dizer “ Bom Dia, até nunca mais” ou “Bom Dia, volto mais logo com a chuva”. Já agora, um São Francisco.

Não há Condições
Victor Mota

Viena. 1936. Um particular e perigoso movimento de consciência, regressivo, contemporizemos, instala-se nos elmos comprados muito antes, por um governo decerto incerto, porque na realidade ninguém se importa realmente, a começar pelo Deus que adoramos há tanto tempo, na figura de Cristo, digo isto sem medo de represálias porque não tomo por tonto o leitor, abro o jogo sobre o que se passou naquela sequência de dias em que o espírito humano se confundia com a natureza humana, reflectindo medos antigos, dias de som e silêncio, de chuva e pátio de ardinas, de um particular músico de nome chamado Falco ou Midge Ure, sem medo de lhe roubar um pouco de seus impérios racistas, vamos tirar isto a limpo, muitas questões se perderam na história porque simplesmente não houve quem, na altura certa, desse, conforme as circunstâncias, um passo atrás ou um passo à frente, conforme o sentido das turbas e dos venenos reflectidos na área mais ou menos insana da mente humana. Analisando à lupa, exerceríamos um reflectido e histórico momento e movimento, de que tiraríamos mais tarde ou menos cedo, após a verificação do evento de mim e de ti, uma ilação que

Não há Condições

Victor Mota

manifestamente não servia a americanos, que têm alergia a tudo o que é de esquerda, daí as miseráveis estatísticas de psicopatia e sociopatia, como se cada corpo fosse muito para além da morte, como aliás, muitos crentes ainda acreditam, entre os quais cientistas, pedagogos, académicos da mais alta estirpe e vestimenta, que recebem milhões para mentir às pessoas e exercer sua gordurosa falta de jeito intelectual, pois pelo que nos diz respeito, nunca trabalhámos à luz de instituições, poucas vezes servimos de monos de ditos génios cientistas sociais ou físico-químicos, quando isto da morte tem muito que se lhe diga, talvez quando desaparece a vida, que é *ditu brutu*, morte, muito mais há que se lhe diga, quando muito deviam era ficar calados e gratos por terem que comer e alimentar sua gordura intelectual. Muito mais haveríamos de dizer dos políticos, essencialmente portugueses e espanhóis, economistas, gestores, topos de carreira, dizem, classes dirigentes, futebolistas, músicos, financeiros e tecnocratas que abaixam as calças a uma mulher do leste, o que não fazem irlandeses e gregos, diga-se em abono da verdade, pois parece que nossa auto-estima se compraz com a humilhação e não se demove com elogias, a não ser para tomarmos o rótulo de bons alunos da Europa. Quem quer esse papel? Nem uma Grécia, nem uma Irlanda, muito menos um Espanha, uma Itália. Mas

Não há Condições

Victor Mota

não entremos muito fundo neste assunto pois outros dele se ocupam, brilhantemente, aliás, principalmente da esquerda, pois nossa tarefa será outra, ainda que aqui ali não deixemos de dar as nossas pinçeladas com o pincel que mais temos à mão, e que é, evidentemente, o nosso, aquele que recebemos de concepção, gestação, nascimento e desenvolvimento, sendo que o respectivo não se vê no esqueleto, portanto, poucos se importam assim tanto, passaríamos então por chatos de qualquer maneira, pelo que mais vale, não apenas fazer o que melhor sabemos, que é diferente de aquilo que queremos, sendo que também, dentro de uma certa geometria, também o fazemos, mais vale, dizíamos, fazer o que é possível e elevar, em certo sendo místico-judaico de argamassa, esse possível, aos níveis de uma metafísica da rentabilidade mental, por pura falta de outras condições. Assim, dizemos (meninos): não há condições. Não há condições para fazer nada, bem como não há condições para o que podemos e queremos, podemos fazer, pelo que sem condições mais vale acima de tudo e por caridade respeitosa para com todos, fazê-lo, sendo que certas pessoas gostam de ser gozadas, gostam de ridicularizar o povo, ou a população em geral, como, numa risível comédia bufa, apenas se orientassem pelo que o povo pensa ónus ente. É manipulação. Mas nem tudo o que é bom, ou mau, neste caso,

Não há Condições

Victor Mota

dura sempre. Nada dura sempre, nem sequer a fama, os livros, as letras, os prémios. Essencialmente: a verdade não pode ser conhecida, pelo que se venda a mentira, pelo que a maior parta das pessoas vive na, da e a mentira. Nada de muito mais há a dizer a respeito. O tempo dará razão àqueles que a têm e não a manifestam apenas porque não se dão o megafone, ou o microfone, segundo o canal, o contexto (hellás), a situação, principalmente se formos miopes e gostarmos de Ernst Jünger.

O segredo, segundo Deleuze, nada mais podemos evitar, chegámos a maior idade, a um tempo da vida em que tiramos conclusões acerca de tudo, sobretudo quanto à ideia de que a nossa localização habitacional favorece o amplexo sexual, quando pensam que lucrámos alguma coisa com isso, quando não lucrámos, apenas estamos vivendo, trabalhando, quando o trabalho é mental (o mesmo é dizer sentimental) não há doença que resistia, mesmo onde a doença nunca existiu. Assim, bem como as implicações de envolvimento policial, foram tudo uma farsa, a começar pelo digníssimo anos de 74 e 69. que acerca de outros não podemos pronunciarmo-nos, como dizem os políticos portugueses, a começar pelos digníssimos lugares de Aljubarrota e Olivenza. Sim, convenhamos que quando a mente (está) armadilhada por pensamento frutuoso um implosão e simultânea explosão se manifesta e exerce sobre os pensamentos mais ou menos simultâneos, repetamos, sobretudo aqueles que estão mais escondidos, pois essa é insubstituível e meritória actividade (para não dizermos estatuto, profissão do) filósofo e da filosofia, pois que um dia esta “actividade” voltará a reinar visivelmente, pois que, na

Não há Condições

Victor Mota

verdade e convencidamente, em nada duvidamos que o cumpre já, sendo também que não perdemos confiança numa dupla hélice do pensamento, digamos, ou da noção, wittgensteiniana, quando o padre Bartolomeu de Saramago teria também, antes do tempo, antes de muitos contemporâneos, bastante mais a dizer, só que, hellás, nenhum olhar curioso estava lá e esses não têm, ditu abrupto, o mérito do século. Continuemos, Nada se pede a um cidadão que não se dedique unica e exclusivamente ao seu saber, ao seu ofício, como na Idade-Média. Pois estamos na Idade-Média do 25 de Abril, se é que alguma vez ele existiu. As pessoas andam tristes e acabrunhadas e, pura e simplesmente, não é culpa delas. Algum raio do Olimpo nos traiu ou atraiu ou atingiu a fim de que vivemos num “living hell”, mas, enfim, tudo teria a ver com a forma como encaramos as coisas, diz a minha prima primordial, que de nada diz, de nada sabe, a não ser de economia e que em todos estes anos, vive como sombra das letras mais ou menos manifestas que editei por minha própria conta e risco, à revelia de instituições, diria os nomes dos cabeçilhas, à revelia de grandes interesses económicos, judicos, judiciais, editoriais, nacionais, quando, contudo, também nós defendemos esses interesses que nos ignoram. Essa é uma questão do século, diria Mário de Almeida, ou Zambujal,

Não há Condições

Victor Mota

quero dizer; também o diria um falecido amigo Luís Santos, que se perdeu na viscosidade das palavras e não lhes soube dar asas, sendo que trabalhou muito e a bom tempo e como outros com minas, tal exploradores de petróleo, que apenas tiram, diga-se fartamente, riqueza de onde ela já existe, o que não é grande *avantage*, dado que o mérito, inclusivamente, dos prémios e distintas atribuições societárias ou socio-económicas, deveria pertencer àqueles que do nada tiram alguma coisa, mesmo nada tendo na cabeça, vai daí onde está o saber? Na Oficina, meu amigo. Na Oficina. Eis os traços característicos de um operador conceptual a que poderemos chamar mistério de Cristo, pois Este não nos pediu, permitam-me a moralidade, que nos restringíssemos a um certo *élã* por ele gerado, ao *frisson* que dele decorreu através dos séculos, como mostra, ou demonstra, o filme de Gibson, mas que fôssemos além disso, que o misturássemos com Nietzsche, a fim de que nascesse, è chato dizê-lo mais uma vez, um Novo Homem. Contudo, a maior parte dos interesses instituídos (pois, as instituições possuem esse dor de resistir às críticas ou ao Tempo, pelo menos algumas, mas nem sempre, nem Para Sempre), não falo apenas do nosso contexto (hum...) nacional, bem como grande parte da elite intelectual americana e inglesa, para não falar da alemã ou francesa, que assinalei um pouco atrás, a maior parte

Não há Condições

Victor Mota

desconhece o efeito e a sequencialidade de um “motivo” ou de uma “sequencialidade” exposta num recente filme onde contracenou Brad Pitt com Helen Hunt. Ainda o dizível, acima exposto, e o indizível, mistério que foge por entre dedos, mistério de Cristo, pois então, de que falamos cerimoniosamente as igrejas de sede brasileiras, não que tenhamos nada, nada de nada, contra o bem-estar socio-económico, sendo que quando a esmola é muita o pobre (que não gosta de ser pobre, sendo que o seu lugar e o facto de ser manipulado, até que venha chuva) e o pobre desconfia. E, por isso, alguma coisa de verdadeiramente maligno e obscuro está por detrás “disso” (a que se dedica o meu amigo Luís). Apesar de tudo, Um é o Mundo, podemos algo provisoriamente dizer, porque, sequencialmente, o Mundo está contido Nele. Poderíamos citar, mas esquecemo-nos de propósito de tratar o texto para notas, garbosamente dizendo.

Bem, bem. Só assim a vida faz sentido, imitamos por gestos não legíveis os movimentos de lá longe, onde tudo é sociedade do espectáculo, a Leste a Oeste, atravessando o mar. Pede-me, observando, um leitor, para que não fale tanto de mim, coisa que eu evito, mas não posso todo o tempo deixar de o fazer, dado que a situação de mérito em que me encontro é deveras invulgar. Não adianta propalar isso. A maior parte desta gente apenas vê o interesse económico directo de tudo o que fazemos e está a borrifar-se, permitam-me o termo, para a satisfação intelectual. Meu pai não é assim, a minha família não é assim. É assim a maior parte das pessoas, pessoas que encontramos na rua, inclusivé cirurgiões, neurologistas, médicos psiquiatras, psicólogos, para quem tudo tem sempre tem uma explicação. Que me dizem a estar recebendo pensão de reforma e ter um projecto em ciências humanas que abarca toda essa cambada de gente que abusa da preciosidade dos media para auto-pavaneio inútil? Que me dizem, inclusivé os filósofos da nossa praça, especialistas que são em distração ofensiva e mal-educada, fundar um ciclo de estudos que cobre tudo o que eles sabem e não sabem? Só em Portugal? Eu não

Não há Condições

Victor Mota

acho isso. Terá mesmo de ser em Portugal. Não estou para megalománias, passei sem necessidade tantas provações que não permito a mim próprio tal opróbrío. Meu intento é deixar uma marca bem forte na sociedade portuguesa, mesmo que não faça altos estudos, talvez os professores, digo-o bem abertamente, que iria encontrar, são demasiado bonómicos e repentistas, tal qual cassetes da CDU, que não mereceriam o meu investimento. Não precisaria do seu beneplácito se não pensasse em português. Contudo, penso também cada vez mais em francês, embora sempre tenha cultivado uma mentalidade forte, ligada a certos aspectos da cultura e língua inglesa. Enfim, a cultura anglo-saxónica. Dedicaria, assim, cada vez mais tempo à escrita, com efeito da nicotina da alegria, evitando entregar meu cérebro a pensamentos ou ocupações desnecessárias. Deve haver alguém que, mesmo com o seu passado pesado, saiba sair da crise e voltar aos tempos de quando se ofendia facilmente, dizendo o que os outros dizem, quando não importava sequer para lavar os pés do xulé. São isto polémicas escandalosas a quem também Nietzsche, o meu amado filósofo Nietzsche, testemunhou no seu tempo, diferente em muitos sentidos do meu, mas semelhante na medida em que muitas coisas com que se debateu e que debateu, se consideram miseravelmente actuais. Enfim, sinais

Não há Condições

Victor Mota

dos tempos e das mentalidade, como gostam de dizer os falsos intelectuais, que começam por ir para fora para contactar com meios académicos mais ou menos seguidistas e depois vir para cá fundar o seu pequeno império pessoal de falsas banalidade e gordurosas boçalidades com que se mantêm anos e anos agarrados às instituições como sanguessugas humanas. Parasitas, afinal. São estas pessoas, que nunca acordam do seu sono dogmático, falsos católicos, falsos religiosos, que impedem o país de andar em frente, quando se pode ver na realidade que regrediu em todos os sentidos e mais um, quando poderia ter avançado, como sei eu bem. Mas deixo aos políticos e personagens sociais mais ou menos patéticas como aquelas que fazem telenovelas e *reality shows*, a oportunidade, se é que pensam nisso ou têm essa consciente responsabilidade, de descobrir **como**. Face a estas pessoas, que falam amiúde com o meu pai, eu tenho bastante para dizer: primeiro, com o dinheiro que têm, nuca farão metade do que fiz, um curso, a continuação dos estudos, vários livros, uma obra escrita, portanto, mil e uma coisas em que me meti durante estes anos. Não posso dizer que falhei, mas aos olhos materialistas e distorcidos dessas pessoas, teria falhado pois ainda não conseguia a independência económica. Pois, quanto a isso só me resta dizer que foi falso tudo quanto disse em anos de

Não há Condições

Victor Mota

frequentação psiquiátrica. Pois foi, foi falso. E o sofrimento, foi? Não me parece. No entanto, creio que essas pessoas, onde se inclui infelizmente o meu pai e minha mãe, julgam as coisas pela aparência, incluindo a família do meu pai: queriam provavelmente que eu tivesse casado, tivesse feito mil e uma coisas segundo os seus padrões. Pois se isso não aconteceu, foi porque na realidade talvez eu e as circunstâncias quotidianas da minha vida não o tivessem permitido. Mas bem, não posso estar dissertando com isso, quando afinal de contas não pertença a nenhum partido ou instituição, quando apesar de não ter dinheiro estou fazendo coisas que só as pessoas com dinheiro fazem. E porque será? Porque será que continuo com tantas ideias? Porque afinal estou na minha, não estou preocupado com o que os outros possam ou não dizer. Podia ter sido académico, podia ter viajado, podia...mas enfim, nada está perdido, assim que eu siga o meu caminho, mas que é difícil conseguir emprego e subvenções culturais sozinho e na condição que tenho perante o estado, é. É bem difícil aqui, quanto mais fará lá fora. Portanto, nada a temer. Mas vamos à história.

Loeb, Sastre e Estnes encontraram-se num sábado em Nazia para recordarem velhas memórias dos tempos de solteiros, entre recordações de aventuras e frustrações, solidões que foram reencontradas depois de terem assentado na vida, com seus empregos, casas e mulheres. Enquanto Sastre sofrera bastante ao ponto de ter tido poucas, pouquíssimas namoradas na sua adolescência e juventude, mesmo procurando, mesmo depois de ter tido tudo para ter todas à sua disposição, Loeb descobrira um guru que lhe trouxe o módico número de 15 mulheres por mês, deitadas na cama, pois então, num método inovador vindo dos Estados Unidos. Subira na escala social, tinha razões, razões para não casar, mas acabou por fazê-lo, não porque sentisse amor à mulher a quem oferecia o anel, mas porque as convenções sociais assim o exigiam, enfim, coisas de criança, como se a sociedade não percebesse também a mentira em que vivia o traste do Loeb, não por ter muitas mulheres por mês, mas por não respeitar aquela que tinha no enlaço matrimonial, contrato social perante a sociedade. Já Estnes era diferente, tinha um carácter mais acentuadamente espiritual na sua personalidade e

Não há Condições

Victor Mota

não eram por essa razão que tinha ou deixava de ter mulheres na sua vida. Enquanto Loeb se deslocava no seu carro topo de gama por ruas e estradas do país, conhecendo os mais diversos enlaces por telefone ou pessoalmente, Sastre atinha-se à internet como meio de as apanhar. Já Estnes vivia poeticamente dos amores passados e mais poesia juntava ao presente com as mulheres que encontrava e seduzia. Contudo, não eram mais jovens, não podiam, como queriam, ter todos e cada um 15 mulheres na cama por mês. Teriam de se dedicar ao romance e ao trabalho e esperar uma reforma assente na ideia de fazer aquilo que mais queriam fazer e amar, mesmo que de través apanhassem um ou outro romance ou paixão fugidia, mesmo que a sua mulher lhes fizesse o mesmo. Seria, talvez, uma relação à semelhança da de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir...

A mente de Loeb, coberta de ramos e lama, impedia-o de prosseguir naquilo que havia designado como boas intenções para a sua vida, estando mais quinze anos dedicado a ganhar algum dinheiro, prometendo dedicar-se daí então a outras tarefas, as domésticas, provavelmente assentar, mas estranhava nas suas relações haver poucas mulheres íntimas, o que não era estranho à sua idade entradota, aí pelos 53 anos, estando mais para lá do que para cá e desejando já mais descansar do que imaginar situações com mulheres, de um modo ou de outro. Mulheres e dinheiro, tudo isto estava estreitamente ligado naquele ano de 2013, sem artifícios, sem questões grandemente problemáticas, pois já havia de certo modo passado a crise para os outros, enquanto que os três amigos deixaram de ser ver, porque amizade verdadeira deixou de existir. Então, depois de tantos problemas e confusões para Sastre, como consegui dinheiro? A questão do **como** colocava-se de novo com grande ênfase...

18.

“Não quero viver num país que não me deixa ser pai”, dizia Sastre a Loeb, o marialva da Praça dos Três Amigos. A amizade é o bem mais precioso, dizem alguns filósofos, entre os quais Aristóteles, parece-me. O dia está formoso, seguro, mais tarde ou mais cedo ascenderá ao poder um novo candidato, de outro partido, aí esperamos as coisas culturais e educacionais sejam tratadas com mais zelo. Ali sentados, na Praça das Flores (ou Praça dos Três Amigos), Sastre, Loeb e Estnes dissertam sobre coisas comuns, usando o seu senso-comum que lhe é dado por direito natural pela natureza, deitando contas a uma vida de trabalho para um, de ócio para outro, de aventura, para outro, respectivamente. “Não quero viver num país que não me deixa trabalhar”, queixava-se um, enquanto outro esperava pelo autocarro ali um pouco mais adiante, já perto do Jardim do Príncipe Real. Teorias filosóficas, teorias sociológicas, enfim, coisas também do obscuro que completa a mente curiosa por coisas de mulheres, mais cedo ou mais tarde haveríamos de conquistar algo parecido a uma dignidade que só vem com a idade, uns exercendo poder por motivos de carácter ou de circunstâncias

Não há Condições

Victor Mota

da vida, outros cultivando a humildade e ao mesmo tempo uma filosofia própria de quem espera, de quem espera em todos os sentidos: espera para trabalhar, espera o bus, espera pela mulher, espera pelo desejo, etc, podíamos dizer. Somado tudo isto e teríamos talvez tema para tese, só que já vai o tempo e o dinheiro, agora não se estuda exclusivamente no nosso país, há que trabalhar ao mesmo tempo, mesmo que seja difícil segurar os princípios, as regras do espírito, inculcadas bem cedo na mente e no coração (que dá, conjugando, qualquer coisa parecida como educação...), não há tutores como dantes, a especialização é excessiva, ganha-se pouco, gasta-se muito, enfim, alguns recebem, como Sastre, duzentos euros por mês para viver, o que lhe dá para pagar a conta da net, a água, luz e gás, pouco mais...fica a oportunidade, ou as oportunidades, de conhecer uma companhia agradável para essas tardes na Praça dos Três Amigos, mas então, nada de especial se prepara nesse dia, senão o conforto da alma sob a moderna, depois de a chuva ter feito aparecer o arco-íris...

Esperamos qualquer coisa que não existe...talvez venha a existir pelo facto (ou teoria) de esperarmos. Não sabemos que cor te, se é uma pessoa se uma pedra, ou um animal doméstico. Mas esperamos, mesmo não sabendo, sabendo que essa coisa está fora de nós e que sua ausência nos causa mal-estar e

Não há Condições

Victor Mota

saudade, nostalgia, como se a vida não tivesse sido ou não fosse bem empregue. Às tantas aparece-nos o “besugo” e fica tudo explicado. Aí rimo-mos, como se uma simples marca ou nódoa na roupa ou no pano da cozinha pudesse modificar uma teoria filosófica ao ponto de a contrapôr a outra muito mais célebre, alegremente célebre e insana, perfeitamente insana e aceite socialmente em escolas por catedráticos e alunos de filosofia. Comumente, diz-se a esta forma de estar, a este vazio no peito, a esta comichão na alma, a esta dor de cabeça (medicamento), a este estado, ainda assim, de enamoramento da vida, de progressiva cautela face aos mais pequenos movimentos da alma, do espírito, do pensamento, e dos exterior a nós, da paisagem, do meio envolvente, das pessoas, as vozes que se exercem mais ou menos dissonantes... Ficamos por aqui e voltamos mais tarde, já longe da Praça, já longe de nossos três amigos que estão longe uns dos outros e talvez seja essa uma forma de solidão especial, que nos distingue dos animais (e dos homens nos quais não nos queremos transformar) e que se resume a uma amizade partida, não esquecida mas magoada, ressentida, quando ela ainda está lá, surpreendentemente intacta, quando o que mudou foi a nossa percepção dela, cheia de riscos como um CD que não pega nem por espírito santo de orelha ou água-benta.

Não há Condições
Victor Mota

Não há Condições
Victor Mota

Esquecemos as parangonas literárias e filosóficas para depois voltar a elas com a mesma intensidade volitiva que caracteriza o homem sábio, o homem de saber por detrás da janela, num dia de sol, escapando-lhe este porque afinal a cidade está vazia do colectivo, mas llena de solidão andrajosas, mistérios do Cais do Sodré, ouviu bem, sim, mistérios desse lugar donde partem e chegam barcos da outra margem, nos cais bamboleia desejos mais ou menos manifestos, à espera da sua concretização, do lado de cá ou de lá dessa fronteira que é o rio de fundo lamacento e que esconde livros velhos de Dick Haskins e um Molero mais ou menos recalcitrante.

Lily tornou a ver Estnes numa forma aparente de formal reconciliação, à falta de outros pretendentes, não que não houvesse um advogado novo e rico para ela, promissor em sua carreira e assentimentos à lei civil do reino, que a lei religiosa, ficava ainda por conta da consciência do velho Sastre, abismado com as ondas e os regressos de toda a gente e mais alguma que habitava, em diversos pontos da cidade, uma forma especial e segura de satisfação do desejo, por meio de equilíbrios e compensações que se escondiam num gueto e escapavam à vista e sobretudo ao coração, satisfazendo apenas

Não há Condições

Victor Mota

o corpo cansado que pedia mais vício. Mais, um espectro transeunte volteou nesse Domingo, o de uma jovem que baloiçava as antenas como se fosse um insecto e que resolveu agora ficar os fins-de-semana em seu esconderijo onde ciciava a sua respiração por nobres ou, melhor, burguesas causas ligadas a uma língua que não compreendia.

Não há Condições

Victor Mota

20.

Confundido nos seus botões, fazia mil e um projetos, mil e uma coisas, tinha sempre algo para fazer, esquecera o Yoga e a corrida e fumava bastante. Esquecera um pouco também a história dos três amigos, de seus diálogos e peripécias, de seus quês e porquês. Contou-me Loeb que tinha uma estranha doença, uma suave e irresistível inclinação para o sexo. Mas fui avisado pela têvê de que passava nesses anos uma vaga de excesso erótico e mais do que isso, pelas pessoas em particular e pela sociedade em geral, que era simplesmente passageira, pelo que relativizei as palavras do meu amigo. A minha cabeça dividia-se em seis, o número de empresas que criara naqueles dias e que tentava levar para a frente para mal da minha saúde psíquica e física. Passava bastante tempo em casa mas, na verdade, eu sabia que apesar de ser tarefa ingente e impossível para mim isolado, gostava do que estava a fazer. Tinha necessidade extrema de uma mulher, do contacto e do calor de uma mulher, meu corpo condoía-se e os meus músculos ficavam tensos só de pensar que não iria encontrar alguém, pois não sabia quem poderia encontrar, minha cabeça doía e eu cerrava os dentes de raiva interior. Enfim, no meio daquele

Não há Condições

Victor Mota

ambiente tenso, conseguia criar, adiando uma passagem pelas mulheres da vida, alimentando um bicho que só me iria destruindo pouco a pouco. Está dito, Loeb era, neste particular, uma cópia de mim mesmo enquanto autor, enquanto actor...

A mentalidade das empresas e do povo português em geral reside num simples exemplo retirado da vida quotidiana. Paga-se uma fatura fora do prazo e ainda por cima somos obrigados a telefonar para não nos suspenderem o serviço. Ora, as empresas, como os políticos, vêm o cidadão apenas do ponto de vista das obrigações, isso é certo. Mas não se pode dar importância a isso, a bem do cidadão, Este é sempre obrigado a comunicar com a empresa, sob pena de perder os seus “direitos” que foram firmados na forma de contrato. É como a vizinha tantan, só existe para fazer merda, tendo a mentalidade de muitas pessoas que confundem loucura com inteligência e que se acham, vá-se lá saber porque razão cusca de senso-comum, no direito de interferir negativamente, como aliás muitas pessoas, mas não felizmente todas, se acham. Ora, a empresa, neste caso, uma empresa estatal de telecomunicações, vê o cidadão como moedas de um cêntimo, quantos mais são mais se pode extorquir ao pouco que têm e como não têm, segundo a sua mentalidade capacidade de organização (mas de revolta têm de certeza), podemos explorá-los à vontade que nunca se irão rebelar, esse lucro perde-se no fundo da ideia

Não há Condições

Victor Mota

vaga que têm de sociedade, para já não dizer, na ideia mentalmente incerta que têm de cidadania. Este é só um exemplo de cupidez da vizinha, que acha que encontrou o Santo Graal, quando encontrou um balde de merda pelas ventas abaixo, e da generalidade das nossas empresas. Mas o caso não é só nosso, felizmente para o exemplo, infelizmente para a própria sociedade para quem se trata não de um conceito puramente vago ou inexistente, a desprezar, interessando apenas o bem individual e depois logo se vêm, mas é exemplo que vai por esse mundo fora, como essa vaga de pornografia que grassa neste mundo e que deturpa, nuns casos sim, noutros não, a vida das pessoas. Com isto tudo, já nos esquecemos das coisas que verdadeiramente importam comunicar ao leitor, a nossa prosa encantada. Enfim, tal como as pessoas andam uma vida a trabalhar para somente, sabe-se lá, viverem um par de anos na reforma, também não se pode pegar pesado nesta e noutras vidas, pois enquanto andamos preocupados com a nossa vida e obra, muitos dedicam suas vidas à ridícula e moralmente bastante condenável tarefa de foder a vida aos vizinhos e tirar prazer mesquinho disso, muitos se dedicam assim à tarefa de foder a nossa, sendo que se conseguirão ou não, estamos ainda para ver, muitos andam a vida a trabalhar para o reconhecimento social, nada mais

Não há Condições

Victor Mota

conta neste mundo estragado, a ideia que os outros têm de mim. Fraca é essa gente, quando nem sequer se lembram antes da ideia que têm de si para si, o que julgo deveras mais importante...Mas enfim, também a maioria das pessoas andam por aqui vestidas de preto (será para esconder as misérias?) e isso revela aos estudiosos muita coisa. Era o elemento que nos faltava, a peça que nos faltava, no nosso sistema de pensamento e na nossa argumentação: o carreirismo das pessoas, da generalidade das pessoas. Nada de mais importante há para as pessoas senão a sua carreira e não o sabor do momento. Enfim, como dizem, cada um sabe de si e Deus sabe de todos. Mais uma vez, o nome de Deus usado em vão. Não têm uma ideia certa do que é viver, pois à mínima ameaça, refugiam-se nos outros, não aguentando a carga por si próprios, não tendo a coragem, a dignidade e a força de se aguentarem, de suportar ideias estanhas à sua forma de pensar. Enfim, chamo a isto parangonas de bonecos vazios por dentro, ocos, de quem somente se vê (e ver-se-á, ainda assim?) o aspecto exterior...

Não há Condições
Victor Mota

Neste ponto, há bastante que fazer, a nossa vizinha lá está, e estes são os personagens deste livro, os três amigos, cujo amizade continuaremos a relatar, e a pobre da nossa vizinha, uma chavalita que tem mais garganta do que estômago e que precisa normalmente de falar com muita gente antes de tomar uma decisão adulta. Talvez fiquemos mesmo por aqui uns dias, de volta desta narrativa, a fim de que chegue a um propósito e um fim, literários e argumentativos, será mais um livro quando outros, com meios em excesso, o gastam em tudo menos massa cinzenta, quando outros, com menores meios só se preocupam em aumentar os seus meios para gastar dinheiro com tudo menos massa cinzenta e ainda por cima são galardoados porque, enfim, vivem numa lógica que os é estranha e indevida, triste e no fundo ilógica, daí a sua falta de óbvio ou profundo sentido. O entanto, prevendo algo de especial para o seu destino sombrio enquanto destilador de álcool, Loeb entretinha-se nas horas vagas a visitar recatadamente, a igreja do Loreto próxima do seu bairro, na grande cidade de Nazia, enquanto seus dois amigos se entretinham em viver suas vidas mais ou menos preenchidas.

Não há Condições

Victor Mota

Sastre, conhecido entre os três como aquele que mais diarreia mental produzia, enquanto Loeb, depois de perder várias mulher (não que fosse um Don Juan), aperfeiçoava-se na secreta ciência de conquistar mulheres para o seu cardápio de sensações carnis. Num desses dias de chuva, os três amigos, agora afastados por vários anos, voltaram a juntar-se para novo jantar, depois do Natal, além das preocupações com suas respectivas mulheres, Lilly, Estela e a outra que pelo caminho fica sempre, pois quem quer uma quer duas, mas três é já demais.

Enquanto isso, Loeb decidiu após apurada reflexão, inclusive depois de um retiro (espiritual) de dois meses, dedicar-se ao estudo, pois o mundo do quotidiano havia enchido as suas medidas, no sentido em que tinha demais absorvido coisas de pessoas que não interessam nem ao menino Jeshua, entre os quais se contavam vários polícias, que muita gente adorava mais do que os bons sacerdotes, pessoas (?) que se aproveitava de outras para proliferarem com sua prole nos mais diversos cantos da ilegalidade ou, mesmo até, o que é demais para suportar, nas avenidas na legalidade. Pelo contrário, Sastre emergiu das catacumbas do silêncio social, para se empregar como corretor da bolsa, sendo que começando a ganhar, dispenderia maior parte do dinheiro em futilidades, não sabendo, como muito boa gente, pôr travão nas suas ambições, pôr tento na mona, embarcando em facilidades consumistas que, sem sabendo, só alimentavam a voracidade da sociedade por tudo o que é fútil e desgraçadamente inútil. Por poucas palavras, encher chouriço ou, no caso, alheira. Também Estnes se consertou na vida, tendo abandonado Lilly (das meias altas) e conhecido conhecido uma dama não pouco

Não há Condições

Victor Mota

conhecida dos meios artísticos de Lisboa, mais exatamente, do Bairro Alto, de que tinha deveras abundantes saudades, por razões que se prendem com sua juventude, na qual não sabia ao certo o custo, o preço, do desejo e sua concretização, mas de que havia tirado breves e sábias lições. Três amigos, então, separados, três amigas, Estela, Lilly e a outra (afinal há sempre outra), agora mais próximas do que nunca, coscuvilheiramente próximas, afetadas pela perda de seus companheiros, agora sentia que os amavam mais do que nunca. Pois, pois, é assim a vida, amam-se pouco quando se têm, amam-se mais quando se não têm. É, assim como estar dando uma trancada e ainda por cima olhar para os outros, Mais fome que barriga, vá-se lá saber porque, cada qual não se contenta com o que tem, nesta sociedade, do Ter em vez do Ser, do Fazer em vez de Pertencer. Muitas críticas mereceriam tais comportamentos, mas não é o narrador que os fará. Para isso foram os protagonistas à missa. Ou à sinagoga. Ou à mesquita. Ou etc. Coisa e tal.

Entro na noite escura. Tudo me parece estranho e novo. Deixei para trás os personagens e seus destinos incertos, demasiado complicados para a minha mente pré-formatada a todo ao custo, como se tivesse de inculcar determinadamente os valores dos outros e tivesse de deitar fora os meus, os próprios meus. Não adianta esconder. Mais alguém bate à porta, à porta que fala para o lado de lá, como se respirasse, como se respirasse comigo, que estou do lado de cá, esperando que alguém venha respirar adiantadamente ao sono e nele possa deixar seus fantasmas manifestarem-se dilacerantemente, de forma a que se expulsem os corpos agregados à mente, ensinados apenas ao prazer, corpos que não conhecem a carência, a automação e o desespero de não serem desejados.

Tento não pensar na solidão em que me deixara este personagens, cujos diálogos entrevi, desconfiados, quando alguém deixou a porta aberta, gozando da sua mínima estabilidade financeira, pagando com isso todas as ousadias de estar gastando o tempo como cartuchos, na guerra, sendo que o inimigo não se vê, não se mostra, por isso nunca se abate e mesmo assim nos dá socos secos no estômago, encurtando o

Não há Condições

Victor Mota

nosso corpo, o nosso desejo, a nossa vida. Por aqui.

Neste dia, assim como se me aparecessem títulos para obras uns atrás dos outros, descrevendo os meus estados de espírito da mais diversa índole, estou a algumas quarenta páginas de acabar esta história-ensaio, tomando um pouco de vinho, folheando os livros que me aquecem neste inverno, seja como for. Agora, procuro instalar-me noutra lugar, por mim assaz bem frequentado, sabendo que algures no ar há uma ideia que preciso de captar para começar a deitar um pouco do que tenho para dar esta noite.

Acaba o dia. Começa outro, ficam para longe as descrições lentas e pormenorizadas que fazem a boa literatura, aquela que é premiada, sendo que a ciência social também tem os seus prémios e prestígios diversos, sendo também que a filosofia também os tem, assim como a literatura, por mais balofa que seja. Quem te manda a tia agradecer a todos, dar-te de bem com todos. Talvez poucos façam isso. No entanto, estás numa situação de que será difícil sair, ainda assim sorrir, quando outros se matam por cousas bem menos, menos, menores...

Afinal as aldeias ainda não mudaram, estou eu aqui fazendo uma teoria social sobre uma realidade que julgo como

Não há Condições

Victor Mota

avançada e muitos, talvez a maior parte, julguem que estamos na Idade-Média. E não é que estamos? Anda, deixa parágrafos, como os outros, que rende mais, com mais facilidade muitos ganham prémios que mantenham o seu besugo a trabalhar, a apodrecer, pútrido, agregado ao cérebro, como instância bem segura da sua sobrevivência, os amigos vêm nestas alturas, não aparecem porque havendo ideias, não há dinheiro e onde há ideias não há dinheiro, continuemos então, como que descrevendo um estado de coisas, coisas que não nos chegam ao ouvido e que nem interessa saber pois são doentias como a própria sociedade em todos os seus elementos, começando pela classe dirigente, diligente em arrumar as pessoas segundo suas crenças, convicções e dízimos. Assim prossegue nossa narrativa, eivada de buracos e concreções, de quistos e bonecos de neve, para se apreciarem devidamente em laboratório pois o que é ciência é o que faz bem ou mal à saúde física, que a psíquica lá se arruma com uns copos que nos levam adiante, a fazer mais literatura, de preferência balofa, de preferência premiada, cheias de dedadas de vinho e açúcar de muita gente, como se fosse seu carácter principal ser viral e se transmitir facilmente, fazendo da palavra qualquer coisa de banal, como quem anda com óculos de protecção a luz solar e é classificado por isso de doentio... Talvez exista

Não há Condições

Victor Mota

um outro lado de ver as coisas, mas eu não estou disposto a isso, agora quero ver as coisas pelo lado que me convém. Porquê? Talvez porque grande parte da vida as tenha visto sob a ótica dos outros. E então? Há algum mal nisso? E assim se perdem os personagens, e não tão cedo nos aparecem outros, pois que não é decerto genial esta narrativa, apenas pretende servir um propósito que é criar a ilusão de que o seu autor está ocupado, trabalhando, quando ninguém liga, mas sei que Rutger Hauer esteve lá comigo, lá no fundo, nem pai nem mãe, nem irmãos nem ninguém, ele esteve lá comigo, bem no fundo, como outros que não conheço nem nunca conheci de lado nenhum e que estiveram comigo e ou me deram a mão ou me olharam ou simplesmente deixaram ser vistos por mim, como se fossem espelhos de mim, este heterónimos que crio abundantemente, andando de um lado para o outro fumando nos cantos na minha mente, personagens de histórias sem nexos e sentido, quando o mundo tem muito menos sentido, muito menos razão, se a razão estiver ligada ao sentido...

Quando em academias se dedicam a compreender o mundo, independentemente de terem ou não razão, terei eu na minha fragilidade obrigação de o compreender, quando nada recebo por isso, quando sempre tive de lutar pelo que tenho quando nada tenho, até porque meu irmão apenas se dedica a sua

Não há Condições

Victor Mota

fortuna e depois o que vier é bem vindo, enquanto a minha irmão, está certo, ajuda-me, mas tem todo o tipo de compreensão e cumplicidade para com a minha mãe, enfim, não há química que me salve disto tudo que está tramado para mim há muito tempo, arre! Estou farto disto, desta meia conversa inexistente, desta gente morna que a nada leva. Podem chamar dor de cotovelo, enfim, com isto tudo lá se vai a história por água abaixo, não importa, o objectivo não é fazer uma história, nem eu mesmo sei qual será o objectivo de estar aqui, de estar ali, de estar acolá, agora que o mundo se desintegra, outros aparecem, mais novos, com nova prosa e premiados, pois então, que o prémio cumpre uma razão social, nem que seja na mera constituição de empresas de vária ordem.

Criei, então, o hábito de ficar enervado com situações diversas como a minha, de deitar fumo pelos ouvidos, quando aluz do quarto estava acesa de dia e os lençóis mal amanhados, pensando que estava chegando à superfície de qualquer coisa quando talvez fosse meu destino (e o preço de não ser incomodado), deitar palavras sem sentido umas atrás das outras, que descrevessem afinal outras vidas que não a minha. Apenas me via como um dactilógrafo fenomenológico, um registador de eventos e de ideias que os relacionam entre si, quando **isto** parecia não ter fim, para lá dos meus maus momentos, para lá dos meus bons momentos. Apenas esperava pelo dia 15 do próximo mês para comprar uns cd's de Bach, pois ela era agora a minha luz, para além do Bem e do Mal, para além da minha condescendência para com a Igreja a que estivera comprometido e que parecia não ter funcionado. Fossem os outros cristãos, que a ignorância é sinónimo de alegria. Só a raiva e o desespero (sim, no sentido que Kierkegaard lhe deu) trazem conhecimento. Mas a que custo! Primeiramente, a custo de uma sanidade mental já de si frágil, pois que a mente sensível acolhe os pensamentos negativos

Não há Condições

Victor Mota

dos outros, que falam, falam e, coisa curiosa, não sem lembram em colocar alguma coisa por escrito, sistematizado ou não, para deixar para outros, para que outros se dediquem à tarefa essencial do pensamento e da vida humana. Que tarefa é essa? Não sei bem definir...talvez lá chegue daqui a algumas linhas... Então, a partir de um ponto em que estou concentrado, um ponto sem valor, sem carga sentimental e que descreve a natureza humana no que ela tem de mais risível e estranho, de não-humano, projectam-se para além do sujeito que operacionaliza (descrevendo minuciosamente) feixes de sentido a partir do momento em que se dá uma quebra de sentido, pois este carece de coisas bem mais importantes, como coesão social, solidariedade, qualidade de vida, dignidade, direitos humanos, etc, coisa e tal. Então, o sujeito encontra-se encapsulado entre o ponto em si e a sua projecção, para a qual se dirige sem saber ao que vai. Aí chegado, dá-se conta da sua reconstituição mental que ficara quebrada e quebrantada, e empreende a tarefa de a recuperar sob a forma de outros valores que não os costumeiros, outros, talvez filosóficos, como o valor da especulação, mesmo que fútil e inútil aos olhos da maioria, tornando necessárias todas as formações mentais, quando sem pejo lhes atribui um sentido operatório naquilo a que se pode chamar de tomar o

Não há Condições
Victor Mota
pensamento (para além do corpo) como sistema.

Não há Condições
Victor Mota

Dada a insistência, como filosofia a martelo de Nietzsche, custa ao sujeito prosseguir, como custou a Saramago andar prosseguindo suas tarefas naquelas areias das Canárias. Chegado a um ponto embaixado, tenta prosseguir, não sabe se para tirar conclusões, se para se arremeter contra uma parede ou um balão de Júlio Verne, um dirigível, que possa tornar mais leves seus pensamentos, mais escassos seus ressentimentos...

Aí chegado, a um ponto leve no pensamento, interroga-se sobre a forma definitiva deste, de modo a que mais o possa moldar a fim de que seu sofrimento, além de todas as patologias, se torne mais brando, mais didático, menos projetional, mas eis que uma criança surge em seu andrajar feito de trejeitos de já adulto, compassando suas palavras engolidas, através de seus pequenos dentes e uma só palavra deita através: PAI! Eis então uma mínima mas potenciosa transformação, em que se obliteram as responsabilidades do Outro, para se trasnmutarem para outra habitação humana, sendo que a mente nunca é humana senão nestas situações, e eis que o céu cai na terra sem que se sinta tremor de terras e

Não há Condições

Victor Mota

temores humanos, tratando essa natureza como tudo o que é humano, com o cuidado e singeleza daquilo que não faz parte do poeta, que trabalhando em sonhos, ligando sonhos a realidade, faz soltar para além de si, para fora de si, do seu mundo, uma como que representação desse seu e depois, jurando que aquilo não seria objectivamente seu, numa comércio de palavras que tudo sara, mesmo feridas embebidas em sangue, se ajoelha e jura “não é meu” e que, após insistência dos contemporâneos, se dá conta que tem de criar essa criança, sob pena de tratar de tribunais e que tem por fim em seu papel branco sua única razão de existência, aquela a que Grieg chegou após anos de conturbada vida: *What Price Immortality?*.

Assim, à falta de disposições outras, empreende o sujeito, ou os protagonistas desta célere história marcada no tempo escasso da proliferação de diversas e momentâneas esferas da percepção, uma outra travessia para um lago não nefasto mas apaziguador de sua consciência deveras macerada pelas responsabilidades da concretude, instigado por uma multidão em fúria, que o persegue ardentemente em todos os sentidos, em sua mente, como se tivesse forçosamente de dar conta dessa fúria instantânea e inigualável que o obriga assim a forçar os limites da linguagem a fim de fazer combinar o que é do senso-comum e o que é da reflexão que, não abundando naqueles matizes, o impele a correr além de um coro de vozes e aquém do desconhecido que traduz, de que dá conta, que descreve, como se fosse um repórter de guerra e os feridos o estivessem sob alçada de palavras duras continuadas ano após anos, em espírito e discernimento jogados ao desbarato por quem traz o pão e o vinho, ainda que tal sujeito fosse também obrigado a enredar personagens que, aliás, havia já perdido na sua narrativa, havia já deixado para trás no meio dessa turba, ao que estes irrompem no meio dela e o alcançam com o

Não há Condições

Victor Mota

propósito firme e convicto de lhes dar de novo vida, ainda que ambas entidades narrativas (ou literárias) estivessem exangues e sem forças, imitando apenas feições e gestos de animais perdidos, soltos de seus currais, capoeiras e prisões em todo o género, assistindo *alguém* a estes despropósitos em nome de uma continuidade laminar e insistente, sob a regra de se agitar diante de circunstâncias adversas e fazer frente a outras mais adversas ainda.

29.

Pega-se um cigarro. Arde o ar útil. O conhecimento literário-científico tem qualquer coisa de anti-veneno que reside no corpo do animal que agride, defendendo sua pátria de vítimas. Bebe-se um pouco de água. Enxergar o limite permitido por duas, três palavras que são adjectivos qualificativos. Para além disso há uma semente que se atea longe e se gasta do corpo que se gasta, Enquanto isso, Vladimiro e Inês zarpam para outro lugar, eivadas suas consciências de consciência, que é mesmo assim, nem sequer deixando assistir a outro práticos sacos de encher chouriço ver o bilhete que indica sua direcção. Talvez Odessa, diriam em

Não há Condições
Victor Mota

voz baixa, enquanto bebem seu café que serve de confessor e a forma particular como o bebem, bem como a forma peculiar como deixam a chávena e o pacotinho de açúcar indicam que nada bom desejariam àquele casal que vai para longe cultivar rãs.

Eis-nos então, chegados a um lado grandioso, em que pensamos ter poucas palavras, quando elas antes pelo contrário abundam tanto que não caberiam nestas páginas que nos seguem. Pois acontece que ninguém se expôs tanto como Frias, Sastre e Loeb, pelo que as mulheres, julgando, os terão deixado a eles, entregues agora às diletâncias filosóficas no Jardim do Três Amigos, que bem podia ser de mais, só que entretanto com este número de amigos a fala é maior e mais extensa, sendo que com mais, ironicamente, apenas se serve o “Bom Dia” do costume, pouco mais, como quem dá um aperitivo e não serve o resto do cardápio, vá-se lá saber por que razões íntimas e subjectivas, se calhar até não as têm, ou porque nunca pensaram nisso (no facto de as ter) ou porque nunca tomaram nota (sistemática ou salteada), nem pegaram num livro, fosse de que orientação fosse, Acontece que Vadimiro e Inês muito amor tinham um pelo outro, mas descobriram (em Odessa, terá sido?) que mais amor tinham pelos elementos de sexo idêntico, sendo que isso explicava

Não há Condições

Victor Mota

muita coisa. A Vladimiro a falta de trabalho, não só porque ele se armava em homem forçosamente para conseguir, quer a Inês, porque alterava também forçosamente seu comportamento para que este se estabelecesse estacionário nos limites da heterossexualidade. A indiferença do pai e do irmão mais velho, a falta solicitude da mãe, que agora, para o final de sua vida, se juntava em todos os momentos ao pai afinadamente, que defendia que o filho não era nada, quando nada por ele tinha feito a vida inteira. Era, como já acima tínhamos dito, o filho que não saíra nem homem nem mulher, que não podia lutar indefinidamente contra o ADN ou a química, enfim. O mesmo se passava com Inês, cuja homossexualidade explicava tudo. Tudo. Os falsos diálogos lá na terra, a indiferença na cidade, o anonimato...como se não fossem todos pessoas, como se ainda, apesar da lei progressista, houvesse estigma contra aqueles que são diferentes. A realidade social tinha trabalhado bem a favor destes dois personagens. Estavam afinal, perdidos no mundo, cada um para seu lado, quando mal desconfiavam que seria agora que a vida começava. Nunca ninguém se tinha exposto tanto em sua vida, como o velho Blanco, que agora contava tantos e mais anos de avançada idade e que sofria dos mesmo achaques. Dizia ela que seu pai o ignorava desde sempre. Ele

Não há Condições

Victor Mota

simplesmente não contava. Por mais que fizesse para provar que era digno, não contava, nada valia. Que estratégia então seguir? A da indiferença ou a da afirmação da identidade. Decerto que seu pai gostaria que se juntasse a seu irmão para erguer uma empresa que continuasse os seus trilhos. Só que não quis; quis fazer algo de bem melhor: afirmar pela educação aquilo que era por demais já certo. Os amigos do pai puxavam por ele, como em criança, nestas merdas de aldeia ou de cidade, é a mesma coisa, onde há grupos há falsidade a rodos. O certo é que Blanco e, como veremos a seguir, Vladimiro e Inês, fizeram o que lhes ia na gana e fizeram-no bem, que interessava que não tinham trabalho? Afinal quase ninguém tinha trabalho naquela terra, antes as letras que o trabalho, sendo que as letras são também trabalho. Havia ali um cheiro a pocilga naquela sociedade que permitia o burburinho sobre suas vidas e que nada fazia em seu favor, como se se vivesse na Idade-Média, sim, na Idade-Média, como se o país e as pessoas não tivessem passado pela acção do tempo. Era de lastimar. Nada de cómico, nada de tosco. Nem de tosca, Nada. Apenas uma tristeza sem fim, daquela que só em África e no Brasil se encontra...

Mas a opinião de seu pai não era assim tão importante, afinal era perda de tempo tentar convencê-lo e aos seus amigos.

Não há Condições

Victor Mota

Apenas, no tempo que restava, vali a pena convencer-se a si próprio que afinal aquilo era uma causa e que muitos já haviam passado por isso e, ciclicamente, a história sempre evidenciara ressentimento das gentes-de-encher-chouriço contra gays e outros. Ia definitivamente por água abaixo o desejo de Vladimiro ter filhos de Inês. E Blanco estava velhote, velho demais para lutar. Que medos se escondiam por detrás de coisas como o obsceno, o silêncio, a censura, a falta de alegria? Medo de perder uma herança? Medo de não ser aceite por uma comunidade que não tinha nada a dar? Medo de quê? Da grande cidade e do seu silêncio indiferenciador? É o que veremos mais adiante.

Não há Condições

Victor Mota

30.

Ficas ali detido umas horas. Deténs-te sobre o teu futuro, tu que nunca olhaste para ele a sério, tu que sempre andaste embrenhado no presente, densamente, acumulando tensão nas relações, falando claro para toda a gente, havendo por isso os outros de pensar que tu serias ora bobo, ora um Cristo. Sem seguidores, porém. Nada te consola, mas sabes que o maior bem de qualquer homem é saber a verdade acerca de si mesmo...nada mais importa neste mundo. Mais tarde, estarás morto, tua consciência sibilina e cortante nada poderá fazer por esse facto, contra esse facto. Acordarás tarde e não te aproximes de Estêvão, deixa-o viver a sua vida, sabes que, apesar de considerares a tua vida vazia, outros vives procurando, lendo Paulo Coelho como se fosse uma religião e que talvez ainda não tenha chegado a tua hora. De sobrevir, de conheceres quem és face aos outros. Ouves, no entanto, rumores; porque não tens amigos, companhia, trabalho. Isto dá que pensar, quando pensavas fingir os outros, fintas-te a ti próprio, não excedas os limites ao falar dos outros, descrever suas vidas, embora a maior parte (mesmo dos escritores) o faça. A maior parte não tem certas coisas que tu tens e que

Não há Condições

Victor Mota

tendes a perder, que queres perder por moda, porque talvez apenas queiras estar no quente da companhia de uma mulher, vá, atreve-te a dizer, é isso que queres, porque não o dizes, porque não és um macho-alfa?, nem queiras saber a tensão que isso é, tu, que dizes conhecer a tensão. Esquece os outros em suas vidas insignificantes, concentra-te no que tens de fazer, toma o banal por extraordinário e o extraordinário por banal, será?, não há mais chaves para a existência; apenas rumamos em direcção ao futuro, um futuro incerto cujo caminho escolheste cumprir com teu corpo, nada mais apenas. Não dêes valor excessivo às coisas do espírito, pois será o princípio de muitas desgraças, para ti e para os outros, lembra-te que cada pessoa pensa apenas no campo de ação da sua existência, quer saiba quer não, que isso lhe seja consciente ou lhe morda por dentro daquilo a que chamam cérebro, que é apenas uma convenção para que o espírito se não liberte. Antes de te queixares que não te falam, fala tu bastante, demonstra à vontade, demonstra estar à altura de todos os acontecimentos e prepara-te para as consequências disso tudo. Isso é ser homem, mulher, não apenas gerar filhos, ter bens e realizar uma carreira.

Sai por um pouco. Respira o ar da noite. Não te censures, não és o desalento que querem fazer com que sejas. Muitas vezes és o mais descuidado e convocas as forças do mal antes que te apercebas da sua presença. Não há mal em ti, apenas uma vontade de poder, de vencer, como em tod@s. O caminho para a verdade nem sempre está ou estará no futuro, muitas das vezes, como é teu caso, está no passado. O presente é uma convenção. Quando o tentas agarrar, sob que forma seja, escapar-te-á como uma cobra que planeja. O bem que esqueceste, foi o bem que não fizeste, o mal que fizeste foi o bem que não fizeste, não julgues que a literatura é caminho fácil. TU não és caminho fácil. Não queiras por isso passar pelo que EU passei, ainda que o assim tenha acontecido para que de algum modo possa “ajudar” os outros. Não sonhes com a mulher que vai bater naquela porta. Ela está AGORA fechada, por sinal a chaves. Deixa que o movimento do mundo seja maior do que ti, porque o é na realidade. Atesta todos os dias que estás de passagem, nada és senão uma sombra em pleno sol...procurando outras sombras para fazer sombra àqueles que são luz. Perdeste, por isso, enquanto actor social, a

Não há Condições

Victor Mota

tua sombra, não a tentes recuperar, é tarde demais; não avances com a cabeça virada para trás. Desejas um momento derradeiro; não o antecipes, deixa acontecer, não provoques o que quer que seja, apenas deixa-te estar onde estiveres, mesmo sabendo que não estás aí, nessa instância de lugar, nessa propriedade passageira do ser.

Nem pensando nisso, o caminho entre ciências sociais, filosofia e literatura será demasiado cargo para uma só pessoa, ainda que outros tenham, numa das actividades, levado a bom termo seus intentos e descoberto um pouco mais de si mesmos e dos outros com isso. Os nossos heróis perderam-se na bruma, no mistério, no desamor, desencantados da vida, assim como começaram e decerto haverá pessoas, presente-se, sob essa nuvem cinzenta que ajuda a viver. A felicidade pode parecer tolice face ao conhecimento, não sabendo nós o que é uma ou outra coisa, nem as duas misturadas, ordem que parece beijar a alma de bastante gente hoje em dia. Lembramo-nos dos profetas, chamados de loucos pelos médicos da mente, ao que neste respeito concerne, como em bastantes (será sempre assim enquanto cada qual quiser impôr o seu ponto de vista, ganhando com isso benefício monetário e mais coisas de que não sabemos nome) outros assuntos, nunca se chega a consenso, mas enfim, é o caminho da ciência, saberá meu médico o que é melhor para a mente, se um pouco de poção medicamentosa, se um pouco de sobrenatural, seja sob que forma fôr. A felicidade pode ser bem irónica e amarga, ter

Não há Condições

Victor Mota

aquele sabor de que não nos lembramos o nome..., pode nunca chegar, sendo que aí solidificamos o conceito que, aplicados, a cada um, confere imenso trabalho àquele que a persegue. Pode, também, nunca chegar, como a Sastre, que a apanhava pelo rabo e a sacudia para a fazer cuspir qualquer coisa que não sei bem o quê seria, diante dos outros, ao redor de um parlamentar convênio de boas vontades, exercendo sem saber uma benfeitoria relativa àquele que se encontrava imerso no acaso, esquecido para sempre da sua aldeia, onde voltava como fantasma, coisa séria é perder a identidade, enfim, tudo isto para duvidar do conceito de felicidade e o relativizarmos ao ponto de o espremer tanto como ao desejo, a ponto de nada sobrar para outros dias, assim acontecia na adolescência, juventude, enfim, épocas em que não éramos profissionais da sedução, sabendo que há um mercado laboral para tal tarefa, anexado à tabela geral das profissões., no sentido, nos não escape a ideia de dizer, definir, viver, o que é a felicidade, quando tretas são aquelas ideias feitas de que a literatura não pode mudar a vida. Dava a vida por um livro, meu o de outro, ou uma referência do âmbito, que pudesse mudar a vida de um jovem, em que, indirectamente, eu teria a desventura de cair no caminho mais tarde (e reconhecer-me pobre) e fosse montado em seu cavalo por seu especial favor. Andar a cavalo.

Não há Condições
Victor Mota
Mais do que conduzir um auto-móvel.

Não há Condições
Victor Mota

Aquele José Carlos escapou-me no futuro que é agora passado e bem brevemente será futuro. Bons tempos. Santas bebedeiras. Inocências de sentido e desculpas de quem apenas queria crescer, quando havia uma cidade gigante que ora diante do sofrimento se apequenha no espírito ao ponto de querermos daqui, deste embrião sair, desta êmbola enigmática que, sob uma forma especial nos matizou o rosto e, dizem *tou-simplement*, são marcas do crescimento. O homem elefante. Também Lynch estava comigo no fundo do poço onde estive retido entre sapos e cobras, juntamente com os três amigos, enforcados em seu desejo amiúde, disfarçando boa-vontade a quem quer que passava, quando era tempo de ser obrigatoriamente feliz, mesmo mudando o carácter, mesmo alterando as prioridades, mesmo apressando o que não o pode ser, num esforço desesperado para chegar adiante e gritar vitória, pressa que se compreende á luz das hormonas, enfim, pela boca morre o peixe e nem tem tempo de agradecer subir na vida, quanto mais aquele que o pesca.

Lilly afastara-se depois de conquistar lugar no sentimento grandemente expressivo com que se debatia, para além da

Não há Condições

Victor Mota

família, para além da nação, como se a revolta a transportasse jogada para a felicidade, enquanto Estela voltou a Loeb, com princípio e fim de reviver amores de adolescência, que é idade de muitas e mais algumas desordem e potências, mas também de frequentes assentimentos face àquele que ditam palavras em maiúscula. E, no que a esta narrativa diz respeito, não choremos mais lágrimas de crocodilo, mas façamos atento a esta Alexandra que lê romances a um jovem. É difícil. Depois, Inês separou-se de seu homem com uma furtiva lágrima junto do Popular Francisco, que de primeiro tudo tinha, como o outro, o São. Que quereis, acaba de sair um número no Bingo do Belenenenses que trará felicidade adequada a alguém. Deus é alguém, ficou para o lado da mesa de cabeceira do primo de Temprano Sastre, que em dois e três lugares até terá encontrado essa coisa ao mesmo tempo simples e complexa que é a felicidade, vá-se lá saber, andamos todos para o mesmo.

Os outros perderam-se em definições de vida, se seria isso que procurariam no magma da vida mais ou menos ascética que é estar carente, aqui não há explicação, a verdade sobre nós mesmos bem poderá ser a verdade dos e para os outros, mais ou menos isto. Faces gastas, inúmeras marcas dos combates no trabalho e outras instâncias, sob a circulação de

Não há Condições

Victor Mota

nomes e subterfúgios vários, na amplitude de uma figura substituta da juventude inacabada, diga quem a tem terminada e quem tem a infância resolvida a ponto de dizer definitivamente que é adulto, sendo quando não o é para lá anseia suadamente para lá parar e quando o é não sabe lidar com isso.

Não há Condições
Victor Mota

Digamos então de infâncias, adolescências e juventudes inacabadas, teoricamente adornadas de raparigas, rituais de encher chouriço incompletos, que atravessam circularmente, como uma redoma estiolada o âmago das experiências de nosso heróis e outras coisas a dizer para que não haja fuga de gás corpóreo nestas demonstrações de excesso de racionalidade; face às instituições, ao conceito de pessoa, à lei e a quem a faz dia-a-dia (a seu favor, subentenda-se), desconhecendo um Kant, comentando-o exaustivamente e adorando outros, replicando num terreno mais fértil do que aparenta, llo de matéria-mãe, de brutalidade genitiva, de energia sob as mais diversas formas...

Não há Condições
Victor Mota

O excesso de palavras pontuou a vida daqueles personagens nestes dias de silêncio e resignação. Enquanto uns selavam compromissos, outros afastavam-se dos amigos para o silêncio de uma noite que podia ser eterna. Mais tarde ou mais cedo, todos saberiam a história destes personagens, de como se juntaram e separaram, ilustrando que a vida tem disto e daquilo, do pior e do melhor. De uma maneira ou de outra, o melhor seria continuar e seguir em frente, como se nada tivesse acontecido. Como se a vizinha não vivesse em frente, como se não fossem Loeb um reformado antecipado, que sofria de OCD e que pela sua perfeição como ser humano, pagava o preço numa sociedade que o tinha por deficiente ou maricas. Assim acabava os seus dias, naquele inverso de 2000, quando todos fugiam a sete pés do país como se fuge de uma doença, como se fosse mau demais estar ali, ainda na mesma casa, chovendo lá fora, como se a intimidade ainda não fosse destruída. Não havia espaço no seu coração para sonhar ou pensar no dia seguinte, porque seus dias estavam acabados. Algum dia tinham de acabar, sozinho, abandonado numa valeta, gozado e espezinhado moralmente, como se não tivesse

Não há Condições

Victor Mota

sentimentos. Por mais que se deitasse a pensar -e o pensamento insistentemente não o largava!-, por mais que se mexesse, a sua situação estava definida. Estela pouco queria agora saber dele e Noémia, a recente namorada, tinha-o abandonado há pouco tempo. O seu diálogo interior nunca mais acabava, encontrava mil e uma explicações e interrogações em si mesmo, vendo defeitos em tudo e mais alguma coisa, em si e nos outros, não conseguira encontrar um aspecto positivo na sua vida face à situação em que vivia, andava de um lado para o outro. Nesse ano, encontraram o nadador Thorpe a vaguear nas ruas de Sidney e um grande actor de hollywood morrera de overdose, um especial actor que admirava. Esquecera por momentos o seu nome, agora que se lembrava do que lhe acontecera e que notara a especial realidade a que acedera, dia após dia.

Por vezes, o facto de nos conformarmos com a realidade que se nos apresenta talvez seja uma forma de heroísmo. Isso nos dará força para continuarmos em frente. A morte estava ali, rodeando a sua cabeça como corvos imaginários, como as críticas diluentes das pessoas nos cafés, nos locais públicos, a vida prosseguiria sob outros termos, de uma lado para o outro, procurando o que não existia no momento certo porque simplesmente talvez não quisesse ser encontrado e só

Não há Condições

Victor Mota

aparecesse quando o quisesse. As mulheres que via no metro não lhe interessavam mais, não havia nenhum encontro romântico jamais em nenhum lugar idílico. Talvez lugar para uma patetice ou outra, abandonado ao vício, abandonado a si mesmo, seu corpo dotado, atirado para uma cama para a eternidade, só, nú, sem desejo, seco, sem realização, velho, envelhecido pelo desejo, pela dor, de si mesmo e dos outros, seus amigos e inimigos pouco importa. Seymour-Hoffman. O nome do actor.

Não há Condições
Victor Mota

NOTAS
